



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ-UFPI  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

ALINE ALVES DE BRITO

**RITUAIS FÚNEBRES: uma análise dos comportamentos perante a morte na cidade de  
Campo Grande do Piauí na década de 1990.**

ALINE ALVES DE BRITO

**RITUAIS FÚNEBRES: uma análise dos comportamentos perante a morte na cidade de Campo Grande do Piauí na década de 1990.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção de nota.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos.

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Universidade Federal do Piauí**  
**Campus Senador Helvídio Nunes de Barros**  
**Biblioteca Setorial José Albano de Macêdo**  
**Serviço de Processamento Técnico**

**B862r** Brito, Aline Alves de  
Rituais fúnebres: uma análise dos comportamentos perante a morte na cidade de Campo Grande do Piauí na década de 1990 / Aline Alves de Brito – 2021.

Texto digitado  
Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo-  
CSHNB  
Aberto a pesquisadores, com as restrições da biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Licenciatura Plena em História, Picos-PI, 2021.

“Orientador: Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos”

1. História-memória. 2. Rituais fúnebres. 3. Campo Grande do Piauí.  
I. Santos, Raimundo Nonato Lima dos. II. Título

CDD 393



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
 Campus Senador Helvídio Nunes de Barros  
 Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em História  
 Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 – Picos-Piauí  
 Fone: (89) 3422 2032 e-mail: [coordenacao.historia@ufpi.br](mailto:coordenacao.historia@ufpi.br)

### ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos nove (09) dias do mês de julho de 2021, no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, por meio da plataforma digital Google Meet, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Aline Alves de Brito** sob o título, **Rituais fúnebres: uma análise dos comportamentos perante a morte na cidade de Campo Grande do Piauí na década de 1990.**

#### A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos  
 Examinador (a) 1: Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro  
 Examinador (a) 2: Profa. Ma. Laila Pedrosa da Silva

Deliberou pela **APROVAÇÃO** do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de **10,0**.

Picos (PI), 09 de julho de 2021.

Orientador (a):

*Raimundo Nonato Lima dos Santos*

Examinador (a) 1:

*Francisco Gleison da Costa Monteiro*

Examinador (a) 2:

*Laila Pedrosa da Silva*



## AGRADECIMENTOS

Gratidão é um sentimento lindo que torna nossa vida mais leve, por isso a tenho como um lema de vida. Creio veemente, que a felicidade de uma pessoa está totalmente ligada ao quanto ela agradece. Por isso, de corpo e alma eu digo: obrigada, Senhor Jesus! “Porque dele, e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém”. (Romanos 11:36).

Aos pouquinhos o sonho que parecia tão distante está se aproximando e isso se deve ao apoio das pessoas que tenho ao meu redor. Agradeço imensamente às minhas companheiras de curso Ana Ester, Ana Flávia, Jessilane e Luana. O apoio e a amizade de vocês tornaram a caminhada acadêmica mais leve e agradável. Vocês são luz na minha vida, queridas amigas! Agradeço também a minha amiga Milena Carvalho por todos os conhecimentos compartilhados e pelo apoio em todas as horas.

Toda a minha gratidão e carinho à minha amada família que sempre apoia incondicionalmente meus passos. Meus irmãos (Susane e Marcos), minha mãe (Lucinete) e meu pai (Antônio) sempre foram bases para minha caminhada e foram os primeiros a acreditar em mim. Agradeço de todo o meu coração ao meu esposo (Vicente Tércio) por toda dedicação, carinho, companheirismo, incentivo, paciência e pelas horas de sono perdidas me esperando chegar da universidade. Sem dúvida alguma, meu maior apoiador é o meu amado companheiro!

A caminhada acadêmica não é fácil e os primeiros passos são os mais difíceis. Por isso, agradeço as minhas amadas primas, irmãs e excelentes profissionais que lá no início me deram apoio emocional para seguir essa caminhada e me cederam um lar quando eu precisei ficar longe de casa devido à vida universitária. Que Deus vos abençoe Odilene, Orlaneide, Orlani, Renata e Ramira. Carleusa ama vocês!

Quero também deixar registrado meu carinho por mais alguns familiares, que trazem alegria e incentivo para minha vida. Meus amados avós (Toinha e Zé Maria), que são minha inspiração diária de amor. Além disso, agradeço as minhas tias Tica, Mar e Benta por sempre me apoiar constantemente, por serem as melhores amigas e companheiras que alguém poderia ter. Eu os amo muito!

Não poderia deixar de mencionar duas profissionais da educação que lá no Ensino Médio, me inspiraram e incentivaram a seguir os trilhos da educação. Professora Odísia, um exemplo de mestre e ser humano despertou em mim o amor pela leitura e a paixão pelas letras. Professora Márcia, de uma competência e dedicação exemplar aos seus alunos, me fez querer cursar Licenciatura em História, guardo na memória todas as aulas de História que tive. Espero que como educadora, eu consiga ser para os meus alunos o que vocês foram para mim.

Um agradecimento especial ao meu orientador, o professor Dr. Raimundo Lima por todos os ensinamentos e paciência, sem ele o desenvolvimento desse trabalho seria impossível. Eu sou apaixonada pelo curso de História, muito grata por todo auxílio e companheirismo que os mestres deste curso dedicam aos seus alunos. Enfim, obrigada à Universidade Federal do Piauí pelo crescimento acadêmico e pessoal proporcionado aos seus discentes.

Sempre há uma mão que você pode segurar  
Olhando mais profundamente pelo telescópio  
Você pode ver suas casas dentro de você  
Só saiba que onde quer que você vá  
Não, você nunca está sozinho  
Você sempre vai voltar para casa.

*(Jason Mraz)*

## RESUMO

**Resumo:** O trabalho analisa os rituais fúnebres na cidade de Campo Grande do Piauí, na década de 1990. Esta análise se dá a partir dos aspectos culturais presentes na dinâmica social em relação à forma de se comportar perante a morte. Destaca-se também as práticas religiosas, a memória, fé e devoção da população, além de abordar aspectos relacionados à medicina legal e mortalidade infantil. Apresenta os cemitérios existentes na cidade, a resolução das normas federais e regionais sobre a construção de sepulcrários. Faz-se um recuo temporal para explicar a luta da campanha higienista do século XIX, contra enterros dentro de igrejas e seus impactos no final do século XX. O trabalho fundamenta-se a partir de uma diversidade de fontes, tais como relatos orais, fotografias, livro de rezas, Código de Postura Municipal e dados de pesquisas feitas por órgãos federais. Para auxiliar na análise das fontes, utilizamos as reflexões teóricas de Sônia Freitas (2006) para compreendermos a importância da História Oral e Ecléia Bosi (2003) para auxílio na discussão de memória. Para discutir a temática da morte, dialogamos com Jacques Le Goff (1994), em âmbito mundial, com João José Reis (1991), como principal base para os estudos fúnebres no Brasil e com Elene Oliveira (2014) que apresenta a cultura funerária na cidade de Teresina. Além dos estudiosos citados acima, muitos outros contribuíram com a feitura deste trabalho.

**Palavras-chave:** História e memória. Rituais fúnebres. Campo Grande do Piauí.

## ABSTRACT

**Abstract:** The paper analyzes the funeral rituals in the city of Campo Grande do Piauí, in the 1990s. This analysis is based on the cultural aspects present in the social dynamics in relation to the way of behaving in the face of death. It also highlights the religious practices, the memory, faith and devotion of the population, besides approaching aspects related to legal medicine and infant mortality. It presents the existing cemeteries in the city, the resolution of the federal and regional rules about the construction of sepulchers. It goes back in time to explain the fight of the hygienist campaign of the 19th century against burials inside churches and its impacts at the end of the 20th century. The work is based on a diversity of sources, such as oral accounts, photographs, prayer books, Municipal Code of Ordinances and research data from federal agencies. To help in the analysis of the sources, we used the theoretical reflections of Sônia Freitas (2006) to understand the importance of Oral History and Ecléia Bosi (2003) to help in the discussion of memory. To discuss the theme of death, we dialogued with Jacques Le Goff (1994), worldwide, with João José Reis (1991), as the main basis for funeral studies in Brazil and with Elene Oliveira (2014) who presents the funerary culture in the city of Teresina. Besides the scholars mentioned above, many others contributed to the making of this work.

**Keywords:** History and memory. Funeral rituals. Campo Grande do Piauí.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 01: A morte de Leonardo da Vinci, por Jean Auguste Dominique Ingres (1818).....	19
Imagem 02: Cemitérios de Campo Grande do Piauí no mapa (2021) .....	31
Imagem 03: Túmulo de Francisco João Bezerra (2020).....	32
Imagem 04: Cemitério Bezerrão (2020) .....	32
Imagem 05: Capela da família Fernandes (2020).....	35
Imagem 06: Túmulo de Josué de Sousa (2020).....	35
Imagem 07: Cova sem identificação no cemitério municipal de Campo Grande do Piauí (2020).....	35
Imagem 08: Jacob Eugênio sendo velado em sua própria cama (1997).....	46
Imagem 09: Jacob Eugênio de Sá sendo enterrado no quintal de sua casa (1997).....	46
Imagem 10: Registro do período vitoriano onde mulher morta pousa para a câmara (2019).....	48
Imagem 11: Velório do “anjinho” Camilo Neto (1999).....	49

## QUADROS

Quadro 01: Taxa das principais causas de mortalidade infantil no Brasil em 1990 (2017).....	52
Quadro 02: Taxa de mortalidade infantil para a região Nordeste entre 1984 e 2000 (1997).....	53

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>HISTORIOGRAFIA SOBRE A MORTE.....</b>	<b>17</b>
<b>2.1</b>	<b>Historiografia Europeia.....</b>	<b>20</b>
<b>2.2</b>	<b>Historiografia Brasileira.....</b>	<b>23</b>
<b>2.3</b>	<b>Historiografia Piauiense.....</b>	<b>25</b>
<b>3</b>	<b>A CIDADE E A MORTE.....</b>	<b>30</b>
<b>4</b>	<b>OS RITUAIS FÚNEBRES DA CIDADE DE CAMPO GRANDE DO PIAUÍ, NA DÉCADA DE 1990.....</b>	<b>37</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>54</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>56</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Antes de nos aprofundar na leitura desta pesquisa, pretende-se deixar registrado que ela está sendo desenvolvida em um período de pandemia. Desde o final de 2019, o covid-19 vem assolando o mundo, tendo se agravado no ano de 2020. Em 2021, o cenário está ainda mais caótico no Brasil. Ser pesquisador neste momento requer esforços gigantescos, pois as restrições são muitas. O acesso está limitado às fontes materiais e a internet através das mídias virtuais tem sido o principal meio para o desdobramento deste trabalho.

A morte é considerada por muitos um tabu ou um ciclo natural da vida que evitam ao máximo falar. Ela é rodeada de medo, ansios, curiosidades, tristeza, choro, festa, rituais e outra infinidade de terminologias. “A atitude antiga em que a morte é ao mesmo tempo próxima e familiar é diminuída, insensibilizada, opõe-se demasiado à nossa [Ocidental] onde faz, tanto medo que já não ousamos pronunciar o seu nome” (ARIÉS, 1977, p. 40).

Nesse trabalho aborda-se os rituais fúnebres na cidade de Campo Grande do Piauí, localizada na região sudeste do Estado do Piauí, há 358 km de distância da capital Teresina. O objetivo central será analisar os aspectos culturais dessa cidade, na década de 1990, a partir de como sua população agia perante a morte e como aconteciam seus rituais. Há uma grande necessidade de pensar rituais fúnebres como parte de uma cultura e não apenas como um acontecimento fatídico ou um ciclo natural na vida do ser humano.

O recorte pela década de 1990 foi selecionado por ser o período de emancipação da cidade, além de ser também o período da construção dos dois principais cemitérios do município. Isto é, o povoado Moizés Bezerra que foi “[...] elevado à categoria de município e distrito com a denominação de Campo Grande do Piauí, pela lei estadual nº 4.680, de 26-01-1994, desmembrado de Jaicós. Sede no atual distrito de Campo Grande do Piauí, ex-povoado de Moizés Bezerra” (IBGE, 2017).

O período escolhido também foi influenciado pelas práticas presentes nesta época, sabe-se que muitos costumes e crenças se modificam ou enfraquecem com o tempo. Atualmente, chega a ser espantoso velar uma pessoa em sua própria cama ou até fotografar o cadáver e os seus parentes. Hoje, esses atos podem ser compreendidos como falta de educação e insensibilidade. Porém por vários anos e até no final do século XX esse era um hábito comum e bastante praticado. A década de 1990 ainda reflete as marcas daquele século que se encerrava. E, acreditamos que é importante evidenciar e analisar estes rituais fúnebres que, embora muito perpetuados, em breve começariam a arrefecer-se.

Durante as aulas da disciplina História do Brasil Império, do curso de História, da Universidade Federal do Piauí / Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da cidade de Picos-PI, conhecemos a obra “A Morte é uma Festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX”, do historiador João José Reis (1991). Os acadêmicos(a)s ficaram encantados com a temática e os estudos ali desenvolvidos. A partir disso, reconhece-se a relevância dos rituais fúnebres para entender uma sociedade.

A História Cultural é sem dúvidas um dos campos mais estudados pelos historiadores. Contudo, quando se pensa na cultura de uma sociedade, logo associamos a música, comidas, roupas e a religião. A morte não é nem de longe lembrada pelas pessoas como uma característica cultural que está enraizada dentro de si.

Por causa dos tabus em relação aos estudos sobre a morte, despertamos algumas ambições em relação à contribuição dessa pesquisa. No âmbito acadêmico, ansiamos que o trabalho preencha lacunas em relação a esse tema que não é muito abordado no estado do Piauí. São poucos os trabalhos que incorporam o devido assunto na Universidade Federal do Piauí-UFPI/Campus Senador Helvídio Nunes de Barros-CSHNB, na cidade de Picos. Além disso, o trabalho possui contribuições relevantes para a historiografia piauiense já existente, pois é um estudo que parte de uma pequena cidade do interior piauiense destacando os rituais fúnebres no seu período de emancipação política.

Quando o pesquisador deseja explorar mais sobre a morte a partir da escrita acadêmica, também procuramos reforços em trabalhos de outras regiões como na Bahia, onde João José Reis apresenta de forma detalhada muitos aspectos culturais do estado de acordo com a forma de se lidar com a ideia de morte. É considerável também, levar esse tema para além dos muros universitários, pois ele proporcionará alargamentos do conhecimento público e trará reflexões necessárias para que tabus em relação aos estudos sobre a morte sejam quebrados.

Entre os anos de 2012 e 2019 apenas uma monografia do curso de História da UFPI/Picos foi escrita tratando sobre rituais fúnebres no Piauí. Convém ressaltar que o ano de 2011, corresponde ao primeiro ano de defesas de monografias (Trabalhos de Conclusão de Curso) do curso de História na UFPI/CSHNB. No entanto, devido à pandemia da Covid-19, só tivemos acesso às monografias publicadas na plataforma digital da Biblioteca da UFPI/CSHN, do período de 2012 a 2019. Até o momento, o sistema da biblioteca não foi atualizado.

O trabalho intitulado “Sepultamentos e ritos fúnebres na Villa de Valença do Piauíhy (1854-1883)”, escrito pela aluna Priscila Miranda (2012), teve como orientador o professor

historiador Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro. Em seu estudo Miranda (2012) procura discutir, a partir da História das Mentalidades e da História Social, a “arte de bem morrer” e os rituais fúnebres como parte cultural das sociedades que se caracterizavam nos seus atos de preparação para a morte. O foco de sua pesquisa se dá no período oitocentista com ênfase na cidade de Valença do Piauí.

Além disso, o trabalho de Miranda nos ajudou a compreender a perpetuação dos rituais fúnebres ao longo do tempo. Mesmo com a distância do recorte temporal, ela apresenta a “arte de bem morrer” ainda no século XIX e, já nesta pesquisa destaca-se a década de 1990, do século XX, a pesquisa desta historiadora piauiense, assim como o livro “A Morte é Uma Festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX”, de Reis (1991) trazem os rituais fúnebres com as características iniciais e suas transformações após as influências europeias e as novas noções de higiene. Essas transformações estão presentes nos rituais pesquisados neste estudo, no final do século XX.

O objeto de estudo desta pesquisa parte da cidade piauiense de Campo Grande do Piauí. Um pequeno município do interior nordestino, com população estimada de 5.965 habitantes, segundo o censo do IBGE realizado em julho de 2019. Parte-se dos aspectos culturais ligados ao comportamento perante a morte para entendermos melhor a cultura deste local. Campo Grande do Piauí é uma cidade nova, sua emancipação da cidade de Jaicós ocorreu apenas em 1994. Antes disso, era conhecida como KM 75. Esse é o principal motivo que justifica o recorte temporal da pesquisa (década de 1990). Ou seja, pretende-se estudar a história cultural dessa cidade, a partir de sua emancipação até os primeiros anos de sua construção político-administrativa e identitária.

Com relação aos objetivos, remetem-se a analisar os aspectos culturais da cidade de Campo Grande do Piauí, na década de 1990, a partir dos rituais fúnebres e como o modo de se comportar perante a morte caracteriza uma sociedade. Além de tentar identificar as emoções da população na preparação dos rituais, assim como analisar os significados particulares de cada prática fúnebre e refletir sobre a importância desses rituais para a dinâmica social. É preciso também entender sua importância cultural; assim como apontar os aspectos religiosos diversificados que compunham aqueles momentos de preparação para a morte.

A partir desses objetivos, formulamos questões para nortear a pesquisa, sendo elas: 1) Quais os rituais fúnebres da cidade de Campo Grande do Piauí realizados na década de 1990? 2) Que aspectos religiosos compunham aqueles momentos de preparação para a morte? 3) Que tipo de emoções a população campo-grandense expressava na preparação dos rituais? 4) Quais os significados das práticas fúnebres para a população campo-grandense, no período

proposto? 5) As práticas fúnebres alteravam de alguma forma a dinâmica social e urbana do referido município?

Para responder essas questões faremos uso de diferentes fontes históricas, tais como Código de Postura Municipal, fotos, mapas da cidade, certidões de óbito, testamentos, livros de mortos das funerária, planos funerários (contratos), lápides, epitáfios, livros de orações fúnebres, missais, cartões de 7º dia, homenagens fúnebres (camisetas, outdoors, etc.) e relatos orais.

Foram realizadas entrevistas do tipo temáticas e, para selecionar os entrevistados, estabelecemos os seguintes critérios: ter sido morador da cidade de Campo Grande do Piauí, na década de 1990; ser familiar e/ou amigo de mortos; realizar algum tipo de serviço técnico-prático fúnebre, como construtor de caixões, coveiros, funcionários de funerárias; fazer uso da morte como forma de renda, como vendedores que trabalham na frente de cemitérios, no Dia de Finados. A idade mínima de nossos entrevistados será de quarenta anos, pois a partir de suas vivências na década de noventa já possuem muitas lembranças.

Uma entrevista oral tem como foco um tema específico. Segundo Sônia Freitas (2006), ela é realizada com um grupo de pessoas sobre um determinado assunto. Mesmo que o tema seja delimitado, podemos colher muitos testemunhos e informações, assim será possível compará-los e atestar suas similaridades e divergências.

É imprescindível a atenção no momento de escolher os entrevistados, pois a qualidade pesa mais que a quantidade. É necessário determinar critérios para seleção dos entrevistados, como: idade, residência, influência social, conhecimento cultural sobre o local, etc. É a partir desses critérios que será traçado o perfil dos entrevistados, pois “Pela somatória das memórias individuais temos a evidência de uma memória coletiva, que nos fornece elementos para a reconstrução da memória histórica” (FREITAS, 2006, p. 117).

A cidade de Campo Grande do Piauí possui 39 povoados, todos pertos da zona urbana e com uma população simples que vive quase totalmente da roça. Entrevistamos, inicialmente, duas moradoras de um desses povoados, as senhoras Terezinha Leobina Bezerra<sup>1</sup>, setenta e dois anos, nascida no interior Olho d’aguinha; e Joaquina Leobina Bezerra<sup>2</sup>, sessenta anos e nascida no mesmo lugar que a primeira entrevistada; Emanuel Antônio Bezerra<sup>3</sup>, que foi

---

<sup>1</sup> Terezinha Leobina Bezerra é natural da cidade de Campo Grande – PI, nascida no povoado Olho d’aguinha no dia 03/09/1948. Atualmente, reside na Zona Urbana desta cidade, na Rua Adonias Bezerra. Foi escolhida para ser entrevistada por conhecer bem a cidade e morar nela desde sua juventude.

<sup>2</sup> Joaquina Leobina Bezerra é natural da cidade Campo Grande – PI nascida em 05/07/1958 no povoado Olho d’aguinha onde ainda reside. Foi escolhida por conhecer bem a cidade e a Zona Rural. Faz parte das pessoas que rezam nos velórios.

construtor de caixões no período de nossa pesquisa. E entrevistamos também Antônia Vieira dos Santos Sousa<sup>4</sup>, sessenta e três anos, famosa rezadeira da cidade.

Todos os entrevistados foram imensamente calorosos, receptivos e reagiram com alegria à ideia de falar sobre suas experiências em relação à memória cultural de sua cidade. Suas memórias, contribuições e histórias foram de grande importância para composição deste trabalho. Dona Terezinha e Dona Joaquina enriqueceram a pesquisa com suas experiências em relação aos ritos de preparação e o exercício da fé. O Senhor Manoel Tonho como um fazedor de caixões, expressa a todo instante a satisfação em saber o quão importante são suas ações comunitárias e sociais. Dona Toinha, influente rezadeira e curandeira compartilhou sua sabedoria medicinal e deu base para que dialogássemos sobre o notável papel das práticas de cura no município na década de 1990.

Como nossas principais fontes são as entrevistas, a oralidade e a memória fazem parte do nosso debate teórico e auxiliam no desenvolvimento do conteúdo. A História Oral é a base para que um pesquisador trabalhe a partir de entrevistas e fontes comunicativas. Segundo o artigo “O que é História Oral” (O QUE É HISTÓRIA ORAL, 2021) do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) “a história oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea”.

Conforme o artigo “História Oral: o que é? para que serve? como se faz?” publicado no site *Gestão de Informação e Memória institucional* pela professora Dr. Eliana Rezende (2017) três gêneros caracterizam a história oral: a tradição oral, a história de vida e a história oral temática. A primeira se refere aos testemunhos passados de geração em geração, a segunda se concentra no relato de vida de um indivíduo e a última de forma geral aborda acontecimentos vivenciados por todos partindo de perspectivas individuais. Essa pesquisa está inserida dentro da história oral temática, pois é a partir das entrevistas temáticas de indivíduos campo-grandenses que obteremos uma compreensão mais precisa em relação a influência dos rituais fúnebres para sua cultura local.

De certa forma, a história oral abriu espaço para que as memórias e experiências populares ganhassem seu espaço no meio historiográfico. Há dentro da história oral a

---

<sup>3</sup> Emanuel Antônio Bezerra é natural da cidade de Monsenhor Hipólito – PI, nascido em 24/04/1931. Atualmente, reside em Campo Grande – PI, na Rua Braz Correia. Foi escolhido para ser entrevistado, por ter em sua memória vários testemunhos como fazedor de caixões.

<sup>4</sup> Antônia Vieira dos Santos Sousa é natural da cidade de Oeiras – PI, nascida em 06/06/1958, reside desde 1972 no município de Campo Grande – PI. Foi escolhida por seu trabalho como rezadora e curandeira, no qual já foi reconhecida nacionalmente.

recuperação de histórias e vozes negligenciadas, ela é responsável por “dar voz aos sem-voz, valorizar vidas que a ideologia contemporânea descreve como deficiente, sem importância ou invisível” (DI LEONARDO, 1987, p. 3).

A historiografia mundial é marcada pela valorização de grandes homens, acontecimentos e fontes documentais; com isso, os grupos que não se enquadravam nessa criteriosa seleção por muito tempo foram deixados de lado. Em contrapartida, a esse modo de escrever história Sônia de Freitas vai dizer que “[...]em História Oral o entrevistado é considerado, ele próprio, um agente histórico. Nesse sentido, é importante resgatar sua visão acerca de sua própria experiência e dos acontecimentos sociais dos quais participou” (FREITAS, 2006, p. 67).

Embora a história oral seja feita por depoimentos, ela também deve ter seu embasamento teórico, sistematizar e fazer uso de muita interpretação. Pois, cada depoimento vem carregado de muitas emoções individuais e memória com recortes. “Depoimentos colhidos, por mais ricos que sejam, não podem tomar o lugar de uma teoria totalizante que elucide estruturas e transformações econômicas, ou que explique um processo social, uma revolução política” (BOSI, 2003, p. 49).

Para obter testemunhos verídicos e com informações mais precisas, o pesquisador deve-se organizar e seguir um roteiro para realização de suas entrevistas. A entrevista temática na qual utilizamos se baseia em um tema e se desenvolve a partir de depoimentos de vários indivíduos. É necessário entrevistar pessoas diferentes para colher várias versões e interpretações a fim de melhor compreender o assunto. Ecléa Bosi vai dizer que para se ter uma boa entrevista, devemos começar com uma pré-entrevista, ou seja, um estudo exploratório sobre o tema e o entrevistado fornecerá um melhor roteiro de entrevista. “Desse encontro prévio é que se podem extrair questões na linguagem usual do depoente, detectando temas promissores” (BOSI, 2003, p. 60).

Após a delimitação do tema e o estudo exploratório se inicia a elaboração de um roteiro geral de entrevistas. É relevante o entrevistador saber como conduzir a sua entrevista, desde as perguntas a serem feitas até onde parar; o roteiro serve para isso, para que a entrevista não se torne muito subjetiva e não nos desvirtuemos do tema proposto.

Outro fator importante de ter um roteiro é a facilidade e unificação dos documentos que ele vai proporcionar ao pesquisador; ter uma linha para ser seguida facilita o trabalho. Contudo, “Cada entrevista tem a sua própria dinâmica, e cada entrevistado mostra-nos diferentes interesses na abordagem de determinadas questões” (FREITAS, 2006, p. 89). A entrevista não pode ser transformada num jogo de perguntas e respostas ou ter

posicionamentos que evidenciem juízo de valor, ela deve ser conduzida de forma dinâmica em que o entrevistado se sinta seguro para dialogar e não se sinta reprimido.

A escolha do entrevistado também influenciará na autenticidade das fontes e sua diversidade. Deve-se escolher pessoas de acordo com o recorte temporal da pesquisa, sua localização e familiaridade com o tema. Como vamos trabalhar a década de 1990, a idade dos entrevistados será a partir de 40 anos, assim como pessoas que participavam de velórios com frequência, fazedores de caixões, rezadores, etc. Procura-se priorizar pessoas naturais da cidade e com mais idade, pois elas possuem uma vasta bagagem de memórias e depõem com riqueza de detalhes.

Além do apoio das fontes, de início procura-se entender o debate em torno da morte de forma geral. Usamos o livro “A morte é uma festa”, de Reis (1991), uma obra clássica brasileira que trata sobre rituais fúnebres e tem muito reconhecimento. Ela foi o pontapé inicial para essa análise.

Para auxílio no entendimento desse tema usamos também dois trabalhos de pesquisadores piauienses. A dissertação de mestrado da Elene da Costa Oliveira (2014), que trata sobre a cultura funerária na cidade de Teresina e, um artigo, produzido por Paulo Lúcio Batista de Sousa (2017), que trabalha um cemitério picoense como um lugar de memórias e sensibilidade. Eles nos proporcionaram um entendimento do tema de forma geral para que depois pudéssemos centralizá-lo no espaço e tempo desejado.

O trabalho foi estruturado em três capítulos. O primeiro, intitulado “**Historiografia sobre a morte**”, faz-se uma revisão historiográfica sobre obras a nível europeu, nacional e estadual que analisam os rituais fúnebres.

O segundo capítulo, “**A cidade e a morte**”, discute a sociabilidade do município a partir das regras que regem as atitudes em relação aos atos de pós-morte e a burocracia documental. Tem-se como base relatos, Código de Postura do Município, fotografias e documentações.

O último capítulo “**Os rituais fúnebres da cidade de Campo Grande do Piauí, na década de 1990**” discute os comportamentos diante da morte. Esses costumes se definem na preparação para a morte e nas ações pós-morte. Analisamos os rituais fúnebres e toda a dinâmica social que eles abrangem a partir de testemunhos, orações e fotografias.

## **2 HISTORIOGRAFIA SOBRE A MORTE**

Neste capítulo, faz-se uma revisão bibliográfica acerca de determinadas obras e pesquisas da Europa, Brasil e Piauí pautadas nos estudos sobre a morte, rituais fúnebres e toda dinâmica cultural que lhes cercam. A discussão está pautada na análise dessas obras, além de algumas reflexões no tocante a sua estruturação.

É de suma importância o exercício de uma revisão bibliográfica para o desenvolvimento de uma monografia. Realizar uma pesquisa exploratória permite ao pesquisador conhecer o campo de estudos em que está adentrando e entender as principais ideias e publicações que rodeiam a área que se caracteriza como base de estudos. Além disso, a revisão bibliográfica constata a situação do andamento das investigações históricas e possibilita ao historiador uma melhor desenvoltura na sua pesquisa.

As incertezas sobre o final da vida representam uma das maiores preocupações da raça humana, um mistério repleto de incógnitas que desde os primórdios há uma busca incessante para desvendá-lo. A morte é inevitável e atinge a todos apesar de sua classe social, religião ou nacionalidade. Ela é despida de preconceitos e não poupa ninguém independentemente de seu revestimento financeiro, suas posições filosóficas e o ato de crer ou não na vida pós-morte. Talvez, seja isso, esse sentimento de impotência que perpetua o medo, o respeito e até o endeusamento em relação à morte, além do anseio para estudá-la e enquadrá-la dentro de um significado.

É inegável a relevância dos estudos e escritos sobre a morte para a historiografia mundial. Eles possuem toda uma bagagem emocional, sensível e cultural que proporcionam ao historiador analisar o impacto social e histórico que as ações perante a morte propagam no cotidiano de uma sociedade. Tais ações são caracterizadas pela forma de pensar, a religiosidade e o aparato social que se fazem presentes na comunidade.

Embora hodiernamente os campos de estudos históricos sejam amplos e abastados, por muito tempo houve uma predominância da exaltação de alguns assuntos e a exclusão de outros. A ampliação da investigação dos objetos históricos se deu a partir dos *Annales* e a propagação da *história das mentalidades* na França.

Essa nova modalidade da História, que tem precursores já na primeira metade do século XX, mas que, rigorosamente, começa a se delinear como um novo espaço de ação para os historiadores na segunda metade do século, propunha-se a enfocar a dimensão da sociedade relacionada ao mundo mental e aos modos de sentir, ficando, a partir daí, sob a rubrica de uma designação que tem dado margem a grandes debates que não poderão ser todos pormenorizados aqui. (BARROS, 2007, p.13).

No início do século XX, a história ampliou seus horizontes para as demais ciências, trazendo para os campos de estudos uma interdisciplinaridade que mudou de forma significativa os conceitos de fontes, objetos de estudo, problematizações e abordagens.

Fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch, em 1929, a Escola dos Annales propunha ir além da visão positivista da história, política e acontecimental. Aquele movimento historiográfico renovou e ampliou o quadro das pesquisas históricas ao abrir o campo da História para o estudo de atitudes humanas, até então pouco investigadas, para romper com as compartimentações das Ciências Históricas e Sociais, e privilegiar métodos pluridisciplinares. (OLIVEIRA, 2014, p. 20).

Após essa renovação da história, os ritos de passagem condicionados a objetos de pesquisa e reflexão se propagaram no mundo todo, desde a Europa até no Brasil, assim uma vasta quantidade de trabalhos historiográficos foram produzidos e difundidos. Essa renovação da forma de fazer história proporcionou um amplo crescimento de documentações e fontes históricas em escala universal.

Os estudos e representações da morte são encontrados em pinturas, literatura, esculturas, entre outros. Em cada região e local de produção, essas representações irão apresentar a morte da forma que lhes convêm. Assim como bem representada na historiografia, as caracterizações da morte também se perpetuam em outras áreas.

Embora neste capítulo o objetivo central seja fazer uma revisão bibliográfica, é relevante fazer uma explanação sobre a caracterização da morte nas culturas. Por esse motivo, antes de adentrar ao debate historiográfico, faremos uma breve análise sobre personalização da morte em alguns campos como a arte e a religião, especificamente com fontes históricas como exemplos.

A pintura, uma das formas mais antigas de expressão, materializa a morte e traz à tona as emoções de forma visível. O quadro a seguir, simboliza um momento diante da morte, o falecimento do grande pintor italiano Leonardo da Vinci.



**Imagem 01:** A morte de Leonardo da Vinci, por Jean Auguste Dominique Ingres (1818).  
**Fonte:** Artes e Contexto, 2019.

A tela acima é uma pintura realizada pelo pintor e desenhista francês Jean Ingres em 1818. Carregada de muito simbolismo, ela evidencia os últimos momentos de vida de um dos mais prestigiados artistas do século XV. Em um ambiente luxuoso e real, Leonardo da Vinci expressa suas últimas palavras nos braços de Francisco I, rei da França de 1515 a 1547. É nítida a tristeza estampada nos rostos, assim como o olhar de compaixão e misericórdia. O tão comum sentimento de impotência ao não poder fazer nada diante da morte transparece nos olhares dos que estão ao redor do moribundo.

As religiões também se destacam na tentativa de definir a morte, em sua maioria, elas caracterizam a morte como algo previsível e reconfortante, pois ela antecipa o momento de encontrar com sua divindade celestial. Na Bíblia, livro sagrado do cristianismo (por exemplo do catolicismo) há vários versículos em que a morte é definida como algo glorioso. “Disse-lhe Jesus: ‘Eu sou a ressurreição e a vida’. Aquele que crê em mim, ainda que morra, viverá; e quem vive e crê em mim, não morrerá eternamente. Você crê nisso?”. (JOÃO 11:25-26).

De acordo com esta passagem, a morte além de célebre é também apenas um ritual de passagem. Talvez, pensar a morte como uma ponte para outra dimensão, seja uma forma de apaziguar a ansiedade e o constante medo que todo sujeito vivo passa por estar automaticamente inserido na fila invisível da morte.

A análise documental de fontes nos permite um melhor exercício de interpretação, reflexão e criticidade. Assim, sabendo interpretar uma figura ou texto, o pesquisador aprimora sua desenvoltura no momento de revisar escritos bibliográficos e melhor compreender as

narrativas dos outros estudiosos. Posterior a isso, a revisão bibliográfica também viabiliza que o pesquisador examine seu próprio trabalho e reconsidere seus apontamentos.

## 2.1 Historiografia Europeia

Os campos de estudos históricos são diversos, e quando se fala nas significações da morte no contexto europeu, logo se destaca os estudos do historiador medievalista Philippe Ariès (1990; 2001). Ele escreveu várias obras sobre o cotidiano da vida comum através da relação natureza-cultura definindo a morte como uma construção social. Desenvolveu trabalhos significativos sobre o tema. Suas pesquisas renderam dois livros: *O homem diante da morte* (1990) e *História da morte no Ocidente* (2001). Estes escritos são baseados em uma vasta análise de documentos, fotografias, testamentos, aportes teóricos, poemas e textos literários.

Ariès investiga o comportamento humano perante a morte nas sociedades ocidentais durante o último milênio. O autor evidencia as transformações que o modo de lidar com a morte irão passar, além de fazer comparações e questionamentos entre a morte familiar e a morte desprezada na sociedade medieval. Ariès enfatiza bastante sobre os ideais de morte dos considerados antigos e modernos, causando a impressão no leitor de certa dualidade entre os rituais de diferentes épocas.

O autor esclarece que não há uma cronologia retilínea sobre os rituais de morte, pois mesmo com o desgaste do tempo, velhas atitudes ainda estão presentes nos novos rituais. Seu trabalho é baseado nesta investigação, nas mudanças. Adiante, Ariès caracteriza a morte no Ocidente no período medieval:

[...] a morte, tal como a vida, não eram atos individuais, mas um ato coletivo. Por essa razão, à semelhança de cada grande passagem de vida, ela era celebrada por uma cerimônia sempre mais ou menos solene, que tinha por finalidade marcar a solidariedade do indivíduo com a sua linhagem e sua comunidade. (ARIÈS, 2001, p. 658).

Durante seus ensaios, Ariès menciona também sobre a morte “domada”, ela seria uma forma de anúncio a partir de sonhos e presságios que ao indivíduo seria revelado “o primeiro ato é o lamento da vida, uma evocação, triste mais muito discreta, dos seres e das coisas amadas, uma súplica reduzida a algumas imagens” (ARIÈS, 1990, p. 32).

Seguindo a busca incessante de entender e estudar a morte, outros historiadores de grande relevância também se destacam: Jacques Le Goff, Jean-Pierre Bayard e Michel

Vovelle. Conquanto, haja um maior número de estudiosos europeus neste ramo, como nossa pesquisa está voltada para outra abrangência, só analisaremos os estudiosos citados acima.

No livro *A Bolsa e a Vida*, o historiador Le Goff (2004) encurva-se para o medievalismo, salientando os anseios por lucros e rendimentos econômicos. O autor chama essa prática de usura e, os praticantes, de usurários. Isto é, seria o ato de emprestar dinheiro a juros. Tal ação era veemente condenada pela Igreja Católica. Nesta obra, Le Goff dedica um capítulo a falar sobre a relação da usura com a morte e o purgatório, pois essa profissão é considerada a mais pecaminosa de todas.

O usurário, pior espécie de mercador, é alvo de várias condenações convergentes: o manuseio — particularmente escandaloso — do dinheiro, a avareza, a preguiça. A isto se acrescenta, como já vimos, as condenações por roubo, pecado de injustiça e pecado contra a natureza. Seu processo é acabrunhante. (LE GOFF, 2004, p. 45).

Condenado em si próprio, o usurário está destinado a uma dolorosa morte com passagem para o mesmo inferno que os sodomitas. “Mas quando a morte se aproxima, termina a amizade. Só conta a avidez de Satã em relação à alma do usurário. Ele toma cuidado para que esta não possa lhe escapar” (LE GOFF, 2004, p. 56). Essa visão crucificadora de algumas profissões foi muito propagada pelos líderes católicos da Idade Média. O ofício que tinha sangue e o lucro desenfreado estava listado para sofrer castigos mortais nas mãos do criador.

Em sua outra obra, *O Nascimento do Purgatório*, Le Goff (1995) traz uma abordagem sobre as mudanças que ocorreram nas representações da vida após a morte. Céu e Inferno agora ganham um intermediário, nasce um novo lugar para compor o cenário de pós-morte, onde será questionado e julgado o destino do sujeito. A passagem direta para o inferno, com alguns castigos e arrependimentos pode se tornar uma vereda para o céu:

No século XIII o Purgatório modificou a atitude dos cristãos perante os últimos momentos da vida. O Purgatório dramatizou essa última parte da existência terrena, carregando-a de intensidade misturada de temor e de esperança. O essencial, a escolha do Inferno ou Paraíso, visto que o Purgatório era a antecâmara certa do Paraíso, podia ainda jogar-se no minuto derradeiro. Os últimos instantes eram também os da última oportunidade. (LE GOFF, 1995, p. 426).

O nascimento do purgatório aprimorou a dinâmica de fé e crenças em volta da morte. Passou a existir a necessidade de uma relação de reciprocidade. Isto é, o destino dos mortos dependeria das orações e ações religiosas dos vivos.

O purgatório modifica profundamente as relações entre os vivos e os mortos. Os mortos no purgatório não dispunham mais de nenhum poder sobre seu destino, sobre sua salvação, ainda que sua ida para esse lugar deixasse

entrevier uma acolhida final no paraíso. A duração dessa temporada – e dos tormentos que lá sofreriam – dependia dos vivos de seus sufrágios. Antes do fim do século XII, os vivos rezavam, 2283 faziam doações a Igreja ‘pro anima’, pela alma – pelas almas que lhe eram queridas, mas o mecanismo e a eficácia dessas doações permaneciam vagas, misteriosas. O purgatório foi a explicação. Selou definitivamente a solidariedade da humanidade, unindo-a no espaço e no tempo. (LE GOFF, 2005, p. 146).

Seguindo o exercício de explorar essa relação entre vivos e mortos, o historiador medievalista Jean-Claude Schmitt (1999) no seu livro *Os vivos e os mortos na sociedade medieval* evidencia como os fantasmas do período medieval se constituíram no imaginário popular, pois “[...] Os mortos têm apenas a existência que os vivos imaginam para eles” (SCHMITT, 1999, p.15).

Com um livro recheado de detalhes e questões inerentes a esse imaginário dos habitantes do “além”, Schmitt estrutura seu trabalho em nove capítulos nos quais aborda as significações sobre fantasmas tanto na religião como na sociedade, nos espaços e no tempo,

O principal fator do aumento, a partir do século XI, do *corpus* dos relatos de fantasmas é o desenvolvimento da liturgia dos mortos. Desde a época carolíngia, o sistema das missas ditas especialmente por um morto no terceiro, no sétimo e no trigésimo dia depois do falecimento está estabelecido em toda a sua coerência. (SCHMITT, 1999, p. 32).

Ter a morte como um destino certo, causa inquietações, por isso o lugar de habitação das almas é tão fantasioso. Focado na Idade Média, Schmitt define os fantasmas como um produto social, cultural e ideológico das sociedades. Uma forma de manter entrelaçado o passado e o presente além de ser uma forma de consolo e aliviar a saudade, a figura do falecido de forma renascida também representa um deslocamento inverso às viagens ao “além”.

Michel Vovelle (2000), historiador modernista francês e estudioso da Micro-história, também contará sobre a morte em alguns de seus escritos. No livro *Imagens e imaginário na história* ele elabora um estudo sobre o imaginário na Idade Média até a contemporaneidade. O autor faz um passeio pela história do imaginário coletivo para que se possa compreender as mudanças e permanências que compunham suas formas de pensar. Partindo do estudo das massas anônimas e na tentativa de interpretar as inúmeras ações e significações humanas, Vovelle (2000) aborda conteúdos relacionados à vida, morte e a pós-morte. Seu livro é estruturado com temas referentes ao exorcismo, revolução da imagem e fantasmas.

O autor inicia sua pesquisa a partir dos túmulos, monumentos fúnebres e pinturas de cemitérios. Seguindo a linha de interpretação do imaginário da morte, Vovelle chega até os dias atuais onde vai adentrar no mundo cinematográfico e nos quadrinhos. “Penso que os

estudos sobre a sensibilidade, sobre o imaginário coletivo, se integram diretamente numa história das representações que é parte integrante, agora, da nossa compreensão da história nacional” (VOVELLE, 2000, p. 57).

## 2.2 Historiografia Brasileira

Em âmbito nacional também há vários estudos sobre a morte. Renomados historiadores de várias áreas se voltam para entender os rituais de passagem. Além da produção de livros, há uma base de monografias, dissertações, teses, revistas, sites e entrevistas que auxiliam nos estudos sobre a morte. O Brasil é um país riquíssimo de costumes culturais, então ler tais obras permite ao leitor conhecer a história de seu país e toda sua diversidade.

A mais conhecida produção historiográfica brasileira sobre a morte é *A morte é uma festa* do historiador baiano João José Reis (1991). Neste livro, Reis vislumbra as particularidades do processo de formação social do Brasil e da Bahia evidenciando as significações das práticas funerárias no Brasil oitocentista. O principal objeto de análise do livro é uma revolta popular ocorrida em 25 de outubro de 1836, que ficou conhecida como Cemiterada. O dia ficou marcado pela rebelião popular contra um cemitério. Até aquele momento, as pessoas eram enterradas nas igrejas, costume considerado essencial para a salvação das almas. Para isso, Reis utilizou como fonte testamentos, fotografias e documentos da irmandade católica.

A trama de Reis está incorporada na perpetuação das mentalidades, na religiosidade e nos interesses econômicos. Com foco na cidade de Salvador, o historiador traça as diversidades culturais, a hierarquia e a conjuntura econômica que marcavam o século XIX no Nordeste brasileiro. Os rituais fúnebres mostravam a mistura cultural, como tradições portuguesas e africanas que compunham o catolicismo brasileiro. “Aliás, tanto aqui como no Velho Mundo esse catolicismo lúdico favoreceu a adesão dos negros, que por seu lado, abriram novos canais para seu desenvolvimento” (REIS, 1991, p. 67).

A historiadora Cláudia Rodrigues (1997), estudiosa em História do Brasil, com ênfase nas práticas mortuárias, também se destaca nacionalmente pela desenvoltura de seu livro *Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro*, além de alguns artigos e trabalhos acadêmicos. Assim como Reis, Rodrigues discute as atitudes diante dos mortos, no período oitocentista, porém no Rio de Janeiro. Como fontes,

a historiadora usou laudos e documentações médicas, relatos de viajantes, documentações legislativas e eclesiásticas.

O estudo da autora parte da perspectiva de que o local de moradia do falecido era determinado a partir da relação que os vivos tinham para com os moribundos. Esta relação era nutrida pelas representações culturais no qual eram fortemente influenciadas pela religiosidade e ditavam as práticas mortuárias:

A idéia de tal estudo partiu da constatação de que, na Corte, como ocorreu em outras cidades brasileiras, a relação entre os vivos e os mortos foi marcada por um processo de transformações que, partindo da proibição dos sepultamentos no interior das igrejas, culminou na criação dos cemitérios públicos, processo semelhante ao que ocorreu em outros lugares, em épocas distintas. (RODRIGUES, 1997, p. 21).

Havia uma familiaridade que se remetia a uma vizinhança entre os cidadãos e as sepulturas. Rodrigues (1997) expõe que havia uma convivência diária em que os vivos andavam sobre as covas de seus mortos, realizavam orações, além de sentirem cotidianamente os odores dos defuntos. A fé no sepultamento sagrado tornava tudo àquilo suportável:

Por volta das primeiras décadas do século XIX, entretanto, assistiu-se ao desenvolvimento e a difusão do saber médico que, preconizando a prevenção de doenças, procurou voltar-se para uma política de higienização dos espaços urbanos, direcionando seu olhar e olfato para os sepultamentos eclesiásticos, dentre outras práticas, tidas como prejudiciais à salubridade pública. (RODRIGUES, 1997, p. 21).

A partir do século XIX, as formas de sepultamento marcaram profundamente as mudanças nas práticas funerárias. É indiscutível a importância dos estudos sobre os rituais de morte no século XIX, pois é neste período que há uma ruptura nas relações de vivos e mortos que vão refletir na fé e cultura da população.

Com um livro que já começa indagando “*O que é morte*”, o historiador Maranhão (1992), de forma crítica e provocante, aborda questões referentes ao que ele chama de “repressão da morte” na sociedade capitalista. Maranhão explana sobre os questionamentos de abreviação e prolongamento da vida, a relação filosófica e problemas sociais mascarados pelo tabu da morte. O autor também explana sobre o processo de distanciamento do moribundo, a negação psicológica da morte como algo natural, além de colocar em debate temas polêmicos como a eutanásia:

Numa sociedade como a nossa, completamente dirigida para a produtividade e o progresso, não se pensa na morte e fala-se dela o menos possível. Os novos costumes exigem que a morte seja o objeto ausente das conversas educadas. Quando, porém, apesar de tudo é necessário fazer alusões a ela, recorre-se a eufemismos que ajudam a disfarçá-la. (MARANHÃO, 1992, p. 20).

Outra pesquisadora que se destaca nas pesquisas fúnebres, é a historiadora Maria Elizia Borges (2018). Além dos inúmeros artigos publicados, juntamente com outras duas pesquisadoras, ela fundou o site “Arte funerária no Brasil” com intuito de dar espaço aos estudos sobre a morte e atualizar os dados sobre este campo de pesquisa. O site objetiva oferecer ao leitor a possibilidade de descobrir as significações reprimidas no silêncio dos túmulos.

No artigo *Entrecruzamentos: História Institucional da ABEC e dos saberes da arte funerária no Brasil*, Elizia Borges recupera a memória da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC) no qual pretende demonstrar a gradativa inserção dos historiadores neste ambiente de pesquisa. “As comunicações dos pesquisadores na ABEC buscam priorizar o levantamento das representações iconográficas contidas nesse espaço peculiar e também justificar a preservação e a recuperação desse tipo de patrimônio artístico” (BORGES, 2018, p. 32).

### 2.3 Historiografia Piauiense

A nível estadual, o Piauí possui relevantes trabalhos sobre a cultura da morte. A maioria são monografias, dissertações e teses. Embora a passos curtos, a historiografia piauiense sobre a morte vem se desenvolvendo graças ao interesse de estudantes pesquisadores e incentivo aos programas de pesquisa universitários.

A mestra em História do Brasil, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Piauí, Nercinda Pessoa da Silva Brito (2012), defendeu sua dissertação *O Experienciar da morte: comportamentos frente à finitude em Teresina de 1900 a 1930*, em 2012. A pesquisa tece reflexões sobre as representações e ações perante a morte entre os homens das letras, em Teresina. Nercinda Brito rastreia as atitudes frente à morte desde a descoberta da enfermidade até o falecimento. Além disso, também são analisados os ritos, assim como a preparação do corpo e da alma do falecido. Brito embasa seu trabalho em jornais, arquivos de literatura e mensagens oficiais do governo piauiense nos princípios do século XX.

Na estruturação da pesquisa, Brito descreve sobre a trajetória da doença até o óbito:

É uma manifestação da natureza que auxilia a ação da morte sobre os indivíduos, forma-se, portanto, uma tríplice aliança, vida/doença/morte, uma aliança que se torna compreensível através da observação de todos os seus elementos, o círculo entre o nascer e o morrer se fecha com a relação desses

elementos, o ser humano vive sob a espreita da doença e da morte. (BRITO, 2012, p. 23).

Além da investigação dessa peça-chave, no caso a doença, para entender a relação entre a transição de vida para morte, a historiadora também põe em pauta a experiência humana contra a finitude deste sentimento. O imaginário da morte é algo que se faz presente na mente dos humanos e se caracteriza como um problema social, pois possuem consciência da sua ineficiência diante do destino. Segundo Brito (2012, p. 92):

A humanidade conhece a sua finitude e, muitas vezes, expressa sentimentos em relação à morte, se apropria culturalmente desse fenômeno que aflige as sociedades. Nesse processo de percepção da morte, os indivíduos constroem discursos em torno da temática mortuária.

Os levantamentos feitos por Nercinda Brito são de suma importância além da relevância historiográfica de seu trabalho, pois pensar o imaginário da morte sempre expõe as características culturais de uma sociedade. A dissertação é bem estruturada textualmente, mas como leitora e pesquisadora da mesma área, nota-se a ausência de alguns anexos. A autora discorre sobre doenças, rituais fúnebres e documentos literários, porém não insere nenhum arquivo no texto para que o leitor formule sua própria análise e interpretação dos fatos.

Para conclusão do seu mestrado em História do Brasil, pelo Programa de Pós-graduação em História da UFPI, a então mestre Marluce Lima de Moraes (2013) defendeu sua dissertação, *Em cada conta um lamento: incelências, benditos e rezas (Alto Longá, Piauí 1980-2011)*, para obtenção do título. Nesta obra, Moraes publica os resultados de sua pesquisa sobre o comportamento praticado por senhores e senhoras rezantes diante da morte, no nordeste brasileiro, especificamente numa cidade nomeada de Alto Longá, no Piauí. Sua análise se apoia na Antropologia para interpretar os sentidos e significados.

Como fundamento, a pesquisadora utilizou em grande escala as fontes orais, principalmente por meio de entrevistas temáticas. Percebe-se a inserção das experiências populares na formulação do texto e o quanto a autora valoriza o conhecimento popular. Há uma vasta quantidade de falas dos entrevistados que auxiliam o leitor a entender toda a análise proposta pela escritora.

A autora faz um panorama geral sobre a morte na historiografia brasileira e constrói seu trabalho a partir da fé e espiritualidade de pessoas simples do sertão piauiense. As incelências agregadas às rezas, benditos e romarias, caracterizam-se como uma ritualística religiosa que expressam os sentimentos dos vivos, com os que já partiram para o além:

São, portanto, momentos de encontro, em que a fé é expressa e o costume se mantém, mas também ressignifica a tradição, a religiosidade popular, elementos associados a outros elementos, geralmente, adaptações às orações

feitas por cada devoto. Com efeito, no momento da morte, as comunidades ainda consideram importantes as orações e as incelências para “ajudar a morrer”, elas fazem parte do ritual fúnebre. (MORAIS, 2013, p. 117).

Descrevendo e registrando os caminhos percorridos pelos rezadores, Morais evidencia a influência popular desses líderes religiosos. Além de analisar as funções sociais que as incelências exercem diante da morte e seu profundo significado para quem reza e para aqueles que são consolados por esses cantos. Essa junção de orações e canções entoam até hoje alguns velórios brasileiros, principalmente nordestinos.

Com o tema “*Pelas almas do purgatório*”: *religiosidade e atitudes diante da morte do Piauí oitocentista* a mestre Josilene dos Santos Lima (2013) defendeu sua dissertação em 2013. Lima discorre de forma detalhada sobre as atitudes diante da morte no contexto católico no Piauí oitocentista. As principais fontes utilizadas pela pesquisadora são documentos da irmandade e mensagens governamentais que tratavam sobre as mudanças nos processos de enterros. A discussão está voltada para as transformações sofridas pelas tradições naquele período. Isto é, para a autora, o século XIX constitui-se como um divisor de águas nas práticas funerárias do Brasil:

Nas linhas que dão corpo a este trabalho, tendo em mente os principais problemas indicados, o objetivo é percorrer a dinâmica da religiosidade no período, compreendendo a partir daí a trajetória deste rito de passagem, percebendo-o em meio à tradição religiosa, nas práticas que vão desde a preparação, como a filiação às irmandades e a feitura de testamento, passando pelo momento da morte (os acompanhamentos) e os principais locais onde eram enterrados, que, a partir do processo de secularização, passam a pertencer não apenas às igrejas, mas também aos cemitérios, espaço último da despedida dos amigos e entes queridos. (LIMA, 2013, p. 18).

Também partindo do século XIX, o trabalho *A arte de bem morrer: a cultura funerária na cidade de Teresina, Piauí (1852-1986)*, da historiadora Elene da Costa Oliveira (2014), analisa a cultura da morte no Piauí e especificamente na cidade de Teresina. Como na maioria dos outros estudos, Oliveira parte da religiosidade e da fé para narrar as práticas funerárias, buscando entender as ações humanas diante da morte. A base para o desenvolvimento desta pesquisa foram inventários e testamentos disponíveis no Arquivo Público do Piauí.

De forma geral, Oliveira aborda inúmeros temas relacionados à morte e apenas no último capítulo trata sobre a questão proposta no tema de seu trabalho. A autora traça a trajetória da ritualização fúnebre no pensamento antigo em vários locais tanto do Oriente

como do Ocidente, além dos rituais. A pesquisadora também faz uma revisão bibliográfica sobre a historiografia da morte e, por fim, as abordagens de uma “boa morte” em Teresina:

Para os fiéis católicos de Teresina, no oitocentos (1852-1896), a morte era a única certeza que havia, assim, as pessoas se preparavam para que sua alma tivesse um bom julgamento final e garantisse sua entrada no céu. Por isso, se utilizaram muito bem dos testamentos, documento que, nas entrelinhas de sua leitura percebe-se os medos, as estratégias utilizadas para sua salvação, os segredos, as angústias, o apego aos santos que se beneficiam desde um crucifixo de ouro deixado por uma testadora a Nossa Senhora do Carmo, missas para si, familiares e aos santos (as). (OLIVEIRA, 2014, p. 103).

É relevante ressaltar que as condutas diante da morte são envoltas por muitas concepções pessoais e diferentes universos simbólicos. Em Teresina, percebe-se uma cultura funerária preocupada com a salvação das almas, por isso esta necessidade de cumprir todos os rituais para garantir uma boa morte e uma boa vida no além. As ações começavam a ser tomadas bem antes do falecimento. Havia as preparações para a morte e as ações de pós-morte.

Mais uma pesquisa piauiense sobre a morte é a dissertação de Elane da Costa Oliveira (2014), irmã gêmea da autora acima citada, intitulada, “*In memorian*”: *o Cemitério Igualdade Cidade de Parnaíba, Litoral Norte do Piauí, Brasil (1859-1930)*. Neste ensaio, Elane Oliveira tem como objeto de estudo a arte cemiterial e as representações contidas nos túmulos.

De início, a historiadora realiza uma busca sobre a historiografia mortuária, logo em seguida, parte para definir o cemitério como cidade dos mortos e explicar sobre a arte cemiterial. A principal fonte utilizada foi a Resolução de nº 437, de 1857, assinada pelo então presidente da Província do Piauí, que proibia enterros nas igrejas. Atrelado a isso, a autora ainda fez uso de várias fotografias.

Os cemitérios são importantes fontes iconográficas, cheias de subjetividades e significações particulares. Desse modo, “[...]analisar a arte cemiterial é um caminho possível para se compreender, em uma dada época e sociedade, as pessoas e as relações que estabelecem com a morte e com os mortos” (OLIVEIRA, 2014, p. 70). Os adornos postos nos sepulcros sempre se fizeram presente nas comunidades humanas. Através de monumentos, os vivos tentam eternizar a imagem de seus entes queridos que daqui já partiram.

Em vista do que foi expresso neste capítulo, podemos afirmar que a história da morte vem se consolidando nos campos historiográficos. Esta revisão bibliográfica também nos possibilitou conhecer de forma mais aprofundada os escritos mortuários do nosso país e principalmente do nosso estado. É pertinente a valorização dos nossos pesquisadores e da nossa história local.

Esta revisão bibliográfica, assim como o desenvolvimento dessa pesquisa, compõe o campo historiográfico das pesquisas sobre a cultura da morte. A relevância deste trabalho está pautada nas suas pretensiosas contribuições, assim como as diferenças e semelhanças com as outras pesquisas. Embora tratar de uma temática similar, cada trabalho possui suas singularidades e importância, pois cada pesquisador tem seu método de análise e escrita.

Além dos métodos individuais, cada pesquisa possui suas diferenças em relação ao tempo e local de estudos. Neste caso, o presente trabalho mesmo se enquadrando em um tema emergente no meio historiográfico, ele se destaca por apresentar uma análise dos rituais fúnebres de uma cidade interiorana piauiense e que dar voz para que pessoas comuns expressem sua própria cultura, sentimentos e fé.

A maioria dos trabalhos apresentados nesta revisão evoca para regiões e tempos distintos da vigente pesquisa. Por isso, ela é expressiva por ampliar os estudos sobre a morte no Piauí, na contemporaneidade, evidenciando os costumes da população campo-grandense e destacando suas ligações com as práticas fúnebres do resto estado e do país, como podemos perceber na reflexão de inúmeros estudos citados neste trabalho.

### 3 A CIDADE E A MORTE

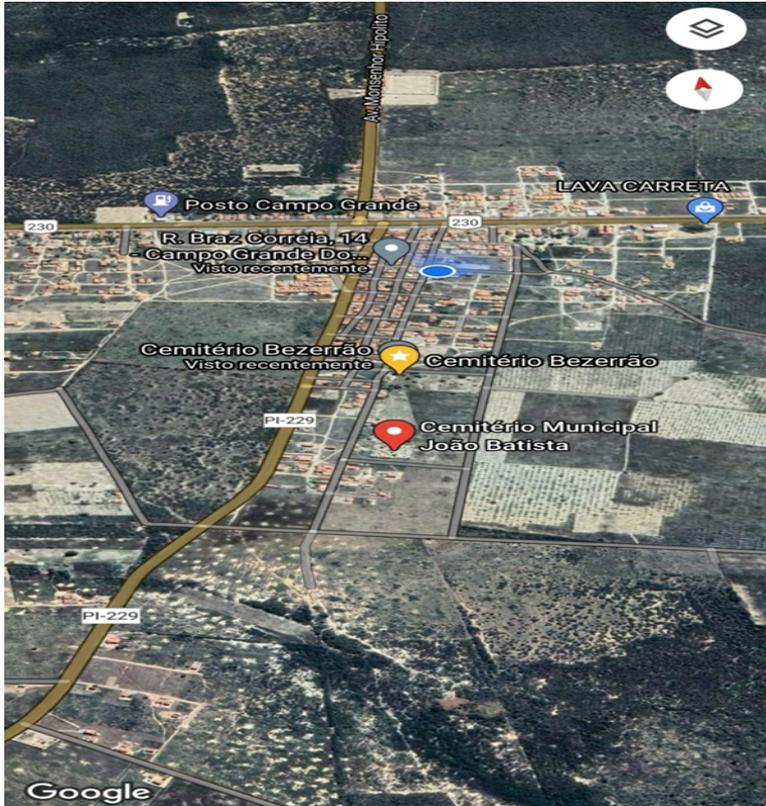
Neste capítulo, abordaremos a dependência administrativa de Campo Grande do Piauí e discutiremos sobre as ações burocráticas diante da morte no âmbito estrutural da cidade. O imaginário da igreja como lugar de enterros e a campanha higienista para a construção de cemitérios, além das normas federais e regionais que administram a construção dos mortuários.

Como a cidade de Campo Grande do Piauí foi emancipada apenas em 1994, ela dependia economicamente de sua sede administrativa, a cidade de Jaicós e da cidade vizinha Monsenhor Hipólito e, conseqüentemente, dependia também de seus cemitérios. O cemitério municipal de Jaicós não tem nome próprio, ele está localizado no bairro Centro e sua rua é conhecida por Rua do Cemitério. Já o de Monsenhor Hipólito se chama Lago da Paz e se encontra na Rua Mariano Policarpo, bairro Centro.

Os mortos eram enterrados de acordo com o local de moradia e posição política de sua família. Além dos cemitérios municipais coletivos, os cemitérios particulares eram extremamente populares feitos dentro dos quintais ou nas roças próximas. Em 1994, foi inaugurado o cemitério municipal João Batista, posicionado no centro da cidade, na Avenida João da Mata Bezerra. A partir deste momento as viagens para Jaicós e Monsenhor Hipólito para enterrar os mortos diminuíram bastante.

Localizado também no Centro da cidade, na Avenida João da Mata Bezerra tem um cemitério particular da famosa família Bezerra. Há indícios de que o “Bezerrão”, como é mais conhecido pelos campo-grandenses, seja o cemitério mais antigo da cidade, pois o cemitério municipal só foi inaugurado após 1994, ou seja, depois da emancipação do município.

No seguinte mapa podemos observar a localização geográfica da cidade e dos cemitérios aqui descritos.



**Imagem 02:** Cemitérios de Campo Grande do Piauí, em 2021.

**Fonte:** CAMPO GRANDE DO PIAÚÍ, 2021.

No mapa apresentado acima, temos uma noção mais precisa da localização desses cemitérios dentro da cidade. Apesar do Cemitério Municipal João Batista estar um pouco afastado das residências, ainda está centralizado no bairro Centro da cidade de Campo Grande do Piauí. Vale ressaltar que esta urbe só possui dois bairros.

O cemitério Bezerrão embora esteja localizado ao lado de residências, quando foi construído se mantinha afastado do centro populacional. No entanto, o crescimento demográfico da cidade ao longo desses quase trinta anos fez com que este cemitério ficasse inserido na maior avenida da cidade (Avenida João da Mata Bezerra) e rodeado de moradias.



**Imagem 03:** Túmulo de Francisco João Bezerra, 2020.  
**Fonte:** BRITO, 2020.



**Imagem 04:** Cemitério Bezerrão, 2020.  
**Fonte:** BRITO, 2020.

O cemitério da família Bezerra foi criado em 1993, a partir da morte de seu patriarca Francisco João Bezerra, em 24/11/1993. Procurei a família dona do Bezerrão para saber se houve alguma intervenção ou fiscalização na construção do cemitério, mas os filhos do falecido Francisco João Bezerra relataram que não precisaram procurar nenhum órgão e ninguém veio interferi-los.

No site do Governo Federal, o Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA) (BRASIL, 2003), que dispõe sobre o licenciamento ambiental de cemitérios publicou um documento onde descreve as normas que regem a construção de cemitérios. Ainda que haja regras para construção de sepulcrários, a ausência de fiscalização facilita as construções ilegais em relação aos cuidados sanitários. Vale ressaltar, que essa resolução do Conama não se aplica às décadas de 1990, período de foco desta pesquisa. Mas, como foi à única documentação encontrada de forma online, serviu para ampliar a noção sobre as Leis Cemiteriais.

A RESOLUÇÃO CONAMA nº 335, de 3 de abril de 2003 Publicada no DOU no 101, de 28 de maio de 2003, Seção 1, páginas 98-99 (BRASIL, 2003) apresenta dezoito artigos que ditam as exigências para criação de cemitérios. Como já mencionado, na construção do cemitério da Família Bezerra não houve nenhum monitoramento de órgãos governamentais, no entanto na RESOLUÇÃO CONAMA nº335 há a exigência de licenciamento ambiental. Na página 839 é descrita essa premissa: “Art.1º Os cemitérios horizontais e os cemitérios verticais, doravante denominados cemitérios, deverão ser submetidos ao processo de

licenciamento ambiental, nos termos desta Resolução, sem prejuízo de outras normas aplicáveis à espécie”.

Em cada espaço geográfico, temporal e contexto cultural, sabemos que o ato de lidar com os mortos tem suas especificidades. Embora hoje haja regras para construção de mortuários, até meados dos séculos XVIII e XIX no Brasil essas diretrizes de caráter administrativo e higienista eram ausentes, em grande maioria a perspectiva religiosa era quem regia as normas de enterros, pois ser enterrado dentro da igreja garantia salvação.

As igrejas eram a casa de Deus, sob cujo teto, entre imagens de santos e de anjos, devia também se abrigar os mortos até a ressurreição prometida para o fim dos tempos. A proximidade física entre cadáver e imagens divinas, aqui embaixo, representava um modelo da contiguidade espiritual que se desejava obter lá, em cima, entre a alma e as divindades. A igreja era uma das portas de entrada do Paraíso. (REIS, 1991, p.171).

Ser enterrado dentro da igreja além da influência religiosa transparecia também a importância social daquela pessoa e de sua família. Reis (1991) vai dizer que os cortejos fúnebres, a mortalha, a quantidade de pessoas no velório, assim como ser enterrado em uma boa localização na igreja evidenciavam as boas condições financeiras e o prestígio social do indivíduo.

Com a popularização do discurso higienista propagado pelos profissionais da medicina social em meados do século XIX, a ideia simbólica da igreja como necrópole começou a ser questionada e culpabilizada pela difusão de várias doenças. A dinâmica de espacialidade entre vivos e mortos foi impactada de tal forma no imaginário da fé, que gerou várias resistências. Em decorrência disso “como não conseguia anular as tradições da igreja Católica, o poder público cedeu a ela a responsabilidade dos serviços funerários e a administração das necrópoles, como forma da sociedade aceitar aos poucos o sepultamento fora das igrejas” (SOUSA, 2016, p. 8).

A historiadora Ingrid Schwyzer (2001) na sua dissertação de mestrado explana que houve dois momentos marcantes em que a medicina tentou propor melhores condições de ocultação de cadáveres. O primeiro momento se deu com a epidemia da febre amarela em 1850, onde houve intensa campanha contra os enterramentos intramuros. O segundo momento foi o retorno dos debates sobre esse tema nas academias de medicina e a chegada de novos médicos no Brasil formados em outros países onde a campanha higienista já tinha ganhando forças.

As principais teorias defendidas sobre os males trazidos por cadáveres postergados são a contaminação das águas, do solo e os miasmas que se espalhavam no ar sempre que era

preciso mexer nas covas. Há uma frase de Michel Foucault que resume a luta da campanha higienista pela luta para a construção dos cemitérios, "Todas as vezes que os homens se reúnem, seus costumes se alteram; todas as vezes que se reúnem em lugares fechados, se alteram seus costumes e sua saúde" (FOUCAULT, 1980, p. 86).

Sobre a formalização da construção de cemitérios no Piauí ainda no século XIX, Josilene dos Santos Lima (2011) que direciona seus estudos a História do Brasil, no seu artigo "*A Morte na Província: as Práticas Mortuárias no Piauí Oitocentista*", apresenta dados sobre a proibição de enterros dentro das igrejas no Piauí:

Posteriormente, em 25 de julho de 1857, foram declarados proibidos os enterramentos nas igrejas e em outros lugares dos recintos das cidades, vilas ou paróquias da Província. E ficou deliberado também que seria responsabilidade das irmandades e das câmaras municipais a construção de cemitérios provisórios onde fosse possível fazer os enterramentos dos corpos. (LIMA, 2011, p. 11).

Embora haja as orientações padrões do Ministério do Meio Ambiente, as cidades também possuem suas próprias leis em relação à construção de necrópoles. No capítulo cinco, artigo 57, do Código de Posturas do município de Campo Grande do Piauí (CÓDIGO DE POSTURAS, 1997), instituído pela Lei 013/11, de 07 de maio de 1997, encontramos regras para a criação de cemitérios e sepultamentos dentro da cidade.

O documento alega que para a instalação de capelas mortuárias o estabelecimento deve ser feito em prédio isolado e distante no mínimo vinte metros das habitações vizinhas, e situados de forma que seu interior não seja descortinado. É necessário manter o local fechado e de preferência com muros. O Artigo 57 desse documento informa que: "A instalação dos necrotérios e capelas mortuárias será feita em prédio isolado, distante no mínimo vinte metros das habitações vizinhas, e situados de maneira que o seu interior não seja devassado ou descortinado".

Ao visitar o cemitério municipal João Batista, nos deparamos com uma grande diversidade em relação aos túmulos e lápides. Em um cemitério é possível que enxerguemos uma multiplicidade de identidades, religiões, linguagens, sentimentos e simbolismos de uma sociedade.



**Imagem 05:** Capela da família Fernandes, 2020.  
**Fonte:** BRITO, 2020.



**Imagem 06:** Túmulo de Josué de Sousa, 2020.  
**Fonte:** BRITO, 2020.



**Imagem 07:** Cova sem identificação, Cemitério Municipal, 2020.  
**Fonte:** BRITO, 2020.

Ambas as figuras 05 e 06 são registros de jazigos luxuosos. A capela particular além de demonstrar o poderio econômico da família evidencia também sua posição social, pois geralmente as pessoas que têm sua própria capela dentro do cemitério são membros das famílias mais abastadas e conhecidas do local. O túmulo de mármore também ganha destaque, pois as flores recentes e a limpeza do local elucidam que há uma manutenção constante para a preservação do sepulcro mesmo após vinte e três anos.

A última ilustração (imagem 07), ainda que não haja identificação do falecido, pode-se notar o cuidado ao redor da cova, a simplicidade e afetividade se fazem presentes através das flores e do cercado. É necessário considerar que além das diferenças financeiras em relação às famílias, há também a religiosa, então as divergências na construção das sepulturas podem ser

caracterizadas por vários motivos. Contudo, há uma vontade em comum, o sentimento de saudade que é consolado pelas lembranças e o cemitério se torna um depósito destas lembranças

A palavra latina *monumentum* remete para a raiz indo-européia *men*, que exprime uma das funções essenciais do espírito (*mens*), a memória (*memini*). O verbo *monere* significa 'fazer recordar', de onde 'avisar', 'iluminar', 'instruir'. O *monumentum* é um sinal do passado. Atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos. Quando Cícero fala dos *monumenta hujus ordinis* [*Philippicae*, XIV, 41], designa os atos comemorativos, quer dizer, os decretos do senado. Mas desde a Antiguidade romana o *monumentum* tende a especializar-se em dois sentidos: 1) uma obra comemorativa de arquitetura ou de escultura: arco de triunfo, coluna, troféu, pórtico, etc.; 2) um monumento funerário destinado a perpetuar a recordação de uma pessoa no domínio em que a memória é particularmente valorizada: a morte. (LE GOFF, 1994, p. 535).

Cada esforço para preservar o local, cada construção de uma necrópole maior e mais luxuosa que a outra, cada flor, vela ou acessório religioso destinado a esses túmulos faz da cidade dos mortos um local para guardar as memórias que não queremos deixar partir com os que se foram. Bem mais que obras arquitetônicas que são forjadas de cimento e ferro, os sepulcros também são forjados de apelos afetivos na tentativa de eternizar uma lembrança.

## **4 OS RITUAIS FÚNEBRES DA CIDADE DE CAMPO GRANDE DO PIAUÍ, NA DÉCADA DE 1990.**

Este capítulo apresenta uma análise sobre os rituais fúnebres relacionados aos aspectos culturais da cidade de Campo Grande do Piauí. Essa discussão aborda a sentinela e toda sua importância social, seguidamente das orações realizadas nos rituais, o uso de medicamentos naturais, os costumes populares entendidos a partir da medicina e a mortalidade infantil no Brasil com ênfase no Nordeste. Nessa conjuntura, a maioria dos rituais que serão descritos estão envoltos no catolicismo.

O fato de grande parte da população ser rural e a falta de atendimento médico contribui para a presença do apelo emocional na fé religiosa e a fé da natureza para cura dos males. Conforme o Diagnóstico Socioeconômico de Campo Grande do Piauí (DIAGNÓSTICO SOCIOECONÔMICO, 2011), elaborado pela Fundação CEPRO, em 2011, grande parte da população campo-grandense morava na zona rural, de uma população total de 4.882 habitantes, 3.702 moravam no campo.

Em razão da distância, o acesso a algum ponto de atendimento médico era muito difícil. O único posto de saúde que havia no município era o Cícero Rodrigues da Luz, localizado atualmente na Avenida Manoel Alves. Contudo, sua estrutura era muito simples e não havia médicos plantonistas.

Dos rituais fúnebres da cidade de Campo Grande do Piauí – PI, na década de 1990, um dos costumes mais marcantes era a sentinela. A palavra sentinela tem sua origem etimológica na palavra italiana *sentinella*, que provém do verbo ouvir ou perceber. Assim, sentinela é a pessoa que tem a função de vigiar algo. Segundo a entrevistada Terezinha Leobina Bezerra (2021), uma mulher extremamente religiosa, de fé e defensora dos rituais de preparação para a morte, o ritual da sentinela foi ensinado de uma geração para a outra, mas a forma de pensar a sentinela variava um pouco de acordo com a crença de cada família.

De acordo com Veras e Moreira (2012) a sentinela na cultura nordestina também se dá como uma ação de preparação para a morte. É o momento que a família sente que deve se despedir e se preparar para enfrentar o luto. Evidentemente as práticas religiosas em volta da morte tem como centro o finado, todavia, tais práticas também se realizam em função dos familiares. As rezas, a fé, o aconchego das pessoas queridas, a crença na vida após a morte e todos os outros rituais servem de consolo para acalantar os doloridos corações.

A sentinela é composta pelas pessoas da família e amigos próximos, que faziam plantões de vinte e quatro horas com velas acesas e pessoas ao redor do doente para que não corresse o risco do acamado morrer solitário. O sentimento de solidariedade é marcante nos corações nordestinos em todos os momentos, quando a morte se aproxima para recolher seus entes ele fica mais intenso ainda.

Como o plantão da sentinela e posteriormente dos velórios eram de vinte e quatro horas por dia, as pessoas tinham suas necessidades básicas, como a alimentação, que deveriam ser oferecidas pelos familiares do moribundo. A entrevistada Terezinha Bezerra, relatou como se dava a organização alimentícia do velório:

Era de costume os donos da casa matarem seus animais de criação para fazerem um monte de comida e matar a fome do povo. Eu lembro que quando alguém já estava doente e sentia que logo ia partir dessa pra melhor, ele mandava que seu povo comprasse e engordassem animais para alimentar os visitantes de seu velório. Era carne adoidado, matavam um boi e dava pra gente merendar, almoçar e jantar nos velórios. Nas sentinelas a fartura era menos, pois eram muitos dias e não tinha quem desse de conta de tanta comida. (Terezinha Bezerra<sup>5</sup>, 2020).

A entrevistada Teresinha Bezerra falou com empolgação destes momentos e lembrou como os banquetes se tornavam momentos de confraternização e acalentava a dor dos enlutados. Para muitos, receber a visita de uma pessoa sem comida para oferecer era um motivo de vergonha. Com isso, os grandes banquetes se perpetuariam ainda mais nos velórios, onde a concentração de pessoas era bem maior que as sentinelas.

As famílias que não tinham condições de comprar alimentação para a multidão recebiam doações e ajuda dos próprios visitantes. Cada um ajudava como podia, iam desde um saco de farinha até um boi ou porco. Isso foi relatado por ambas entrevistadas Terezinha Bezerra e Joaquina Bezerra, pois é extremamente comum escutar histórias sobre isso nos relatos populares dos mais idosos. Embora não tenha vivido no recorte temporal da pesquisa, a escritora dessa monografia nascida em 1999 já presenciou muitos velórios com banquetes, em Campo Grande do Piauí, cidade em que mora.

No artigo *Manuais de Preparação para morte: artes de bem morrer* as irmãs Elene Oliveira e Elane Oliveira (2012), trazem uma análise em relação aos banquetes nos velórios desde sua origem na Antiguidade greco-romana. Era de costume a organização fúnebre ser de responsabilidade da família, assim como a preparação do último banquete:

---

<sup>5</sup> Optou-se neste trabalho por escrever nome e sobrenome, nas referências e citações, apenas de entrevistados para destacar o formato diferente da fonte oral e valorizar mais os colaboradores. Além de tornar mais presente suas participações na composição desta pesquisa.

[...] o ritual em torno do morto e sua sepultura, onde se realizavam banquetes oferecidos aos mortos nas suas sepulturas, era a ocasião para a família se reunir para a chamada refeição funerária sobre a sepultura de seu morto; essa prática fazia com que o morto não atormentasse os vivos, acreditava-se que caso o ritual não fosse realizado, o banquete fúnebre, o morto castigaria com doenças e esterilidade o solo [...] (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2012, p. 4).

Nesse aspecto, pode-se perceber a cultura da alimentação fúnebre mais caracterizada com uma conotação religiosa. Jogar alimentos aos mortos estava mais relacionado ao sentimento de medo e crença nos castigos espirituais do que a própria noção de dinâmica social. Baseado na análise de fontes, na cidade de Campo Grande do Piauí a relação de alimentação nos velórios está associada à hospitalidade e educação, não dar para ser definida como uma ação para evitar castigos religiosos. Como já dizia João José Reis (1990) “A morte é uma festa”, literalmente. Uma festa repleta de comida, encontros, variedade de sentimentos e orações.

Havia também várias rezas, elas serviam para consolar e preparar a alma do morto. Essas rezas que estariam também presentes nos velórios clamavam por salvação e livramento do purgatório. No livro católico, *Manuale Orationum* (2018), encontramos várias orações como “Matinas”, “Terço pelas almas” e “Oração pelas almas do purgatório” que se fazem presentes até hoje nesses momentos. Há uma grande preocupação pelo descanso da alma do falecido. O terço, citado a seguir, constitui-se como um clamor por misericórdia das almas:

#### **TERÇO PELAS ALMAS**

Nas contas grandes do Pai Nosso:  
 Meu Deus, creio em Vós porque sois a  
 Própria verdade; espero em Vós porque  
 Sois fiel às Vossas promessas; amo-Vos porque  
 Sois infinitamente bom e amável.  
 Nas contas pequenas da Ave Maria:  
 Jesus misericordioso, dai-lhes o eterno  
 Descanso.  
 Em vez da glória, diz-se:  
 Meu Jesus, misericórdia!  
 Nas três contas junto da cruz, diz-se:  
 Jesus, não me deixes morrer sem receber os  
 Últimos Sacramentos. (MANUALE, 2018, p. 421).

Cada oração realizada carrega as devoções individuais e coletivas de uma determinada sociedade, neste caso à fé católica. Acreditar em algo superior faz com que as pessoas sintam apoio emocional e depositem nisso a missão de cuidar dos entes que já partiram. Fisicamente após o falecimento a pessoa se distancia, então as orações pelo descanso eterno, livramento do purgatório e perdão dos pecados são formas de cuidados espirituais e reconforto. “No purgatório, local privilegiado para os que praticaram pecados de menor gravidade, estendia-se

a chance de remissão daqueles para uma continuidade rumo à salvação eterna” (TOSTES, 2006, p.132).

### **ORAÇÕES DIÁRIA PELAS ALMAS DO PURGATÓRIO**

Senhor e Deus Onipotente, suplico-Vos  
Que, pelo precioso Sangue que o Vosso  
Santíssimo Filho derramou na Sua Coroação  
De espinhos, livreis as Almas do Purgatório e,  
A sair desse lugar de tormentos, para que  
desde já comece a louvar-Vos e bendizer-Vos  
eternamente no Céu. Amém.

3 Pai Nossos, 3 Ave Marias, 3 Glórias. (MANUALE, 2018, p. 428).

A oração acima, tirada do livro *Manuale Orationum*, é um profundo clamor pelas almas que padecem no purgatório. Segundo o Dicionário Bíblico *Wycliffe*, mesmo que algumas almas tenham alcançado a salvação, se não estiverem totalmente limpas, elas precisam passar por esse processo para remir o restante dos seus erros:

De acordo com a doutrina católico-romana, somente a alma daqueles que são perfeitamente puros é imediatamente admitida no céu. Mas a grande maioria daqueles que morrem na graça justificadora ainda está oprimida pela culpa dos pecados veniais, e ainda não sofreu o castigo temporal pelos pecados mortais, praticando obras de penitência durante a vida terrena. Pela doutrina católico-romana, entende-se que esses cristãos devem sofrer um período de expiação como um processo de purificação antes de experimentar a visão beatífica de Deus no céu. (PFEIFFER, 2006, p.1627).

No trecho da oração “A sair desse lugar de tormentos” é evidente a noção de purgatório como apenas um lugar de passagem. É missão dos que ficam orar pelos espíritos que irão enfrentar a purificação, pois apenas suas orações podem amenizar o sofrimento. Por este motivo, há todo um processo de cerimônias religiosas pós-morte na cultura do catolicismo.

De acordo com a entrevistada Terezinha Leobina Bezerra (2021), o dever dos parentes não era apenas rezar após acontecer o falecimento, havia também as atitudes a serem tomadas para tentar desviar a tenebrosa morte:

Nós aprendemos com as pessoas mais velhas que ficar ao lado do doente rezando constantemente impediria que a morte levasse sua alma. A gente tinha fé nas rezas, mas também apelava pra os medicamentos naturais para fortalecer a saúde e espantar os quebrantos. Geralmente esses medicamentos que a gente chamava de garrafadas era feito por pessoas que tinham conhecimento da natureza e tinham revelações também. Tinha pessoas que não acreditam nas rezas e diziam que as garrafadas era coisa de macumba e que se o doente tomasse ele ia direto pra o inferno. Eu não acredito que essa coisa que nós fazíamos rezando a Deus ia levar ninguém para o inferno. (Terezinha Bezerra, 2020).

Os relatos orais da senhora Terezinha Bezerra são repletos de emoções que transparecem em seus olhos, além de evidenciarem aspectos culturais do seu meio de convivência social. Logo no início do trecho acima, a entrevistada traz os ensinamentos aprendidos com os mais velhos e o respeito às memórias daqueles que possuíam vasta experiência de vida.

[...] enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade. (BOSI, 2012, p.22).

As lembranças das pessoas idosas são fontes abastadas de informações sobre determinadas sociedades e seus comportamentos culturais, elas nos fornecem viajar para o passado e entender as transformações sociais, assim como valorizar os costumes de nossos ancestrais como partes importantes da história.

Nossa entrevistada Terezinha Bezerra também menciona a fé nos medicamentos naturais e nas rezas dos mais velhos para o bem estar da saúde, assim como a expulsão de energias negativas que são caracterizadas como “quebranto”. Para uma definição mais precisa, pedimos para que a senhora Terezinha descrevesse o que ela entende por quebranto:

Eu penso que quebranto é um dos males mais comuns e presentes no nosso meio, é igual gripe, todo mundo está sujeito, principalmente crianças. Você pode ter certeza que quando ver um menino meio mole, só chorando, com febre e sem querer comer é quebranto. Tem gente que tem uma energia tão pesada que se pegar em um bebê ou em planta eles murcham na hora. Esse povo que passa quebranto pra os outros é porque são invejosos e não podem ver os outros felizes. Ainda bem que tem as rezas e os remédios naturais que ajudam a espantar esses olhares tortos que adoecem a gente. (Terezinha Bezerra, 2021).

A descrição de quebranto nos dicionários e artigos científicos, não varia muito do que foi explanado por dona Terezinha. Segundo Simon et al. (2019) no artigo *Mau olhado ou quebranto: uma síndrome psiquiátrica relacionada à cultura*, quebranto é caracterizado da seguinte forma:

Uma síndrome cultural, que pode estar relacionada com algumas psicopatologias como depressão, transtorno obsessivo-compulsivo, transtornos paranoides e delirantes. No entanto, na cultura de diversos povos trata-se de algo referente à feitiço, sentimentos negativos irradiados por outras pessoas principalmente através do olhar, que faz com que a vítima adoença, fique triste e apática. (SIMON et al.,2019, p.3).

Nesse momento, é destacada a influência do conhecimento sobre a natureza e o uso da fé para auxílio das práticas de cura. Bem antes da invasão europeia ao território brasileiro os nativos da terra já usavam os suprimentos naturais para manutenção da saúde assim como os

rituais de acordo com suas crenças. Na formação do Brasil e posteriormente a sua consolidação, as práticas de cura através da fé foram e são extremamente difundidas.

Para melhor compreensão do uso de medicamentos naturais e da fé nos rituais de cura, entrevistamos a senhora Antônia Vieira dos Santos Sousa, residente no município de Campo Grande do Piauí e mais conhecida como Dona Toinha (2020). A partir desse momento, iremos nos referir a essa entrevistada, por meio desse apelido. Ela é a mais famosa curandeira da região e por muitos anos também foi rezadeira, só parou de rezar depois dos anos dois mil, quando se converteu a igreja evangélica Assembleia de Deus que proibia rezas de caráter curativo. Seus medicamentos naturais são exportados para fora do estado através do MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores) e a Farmácia Raízes do Rio Grande do Sul. Dona Toinha fabrica os remédios e exporta para que sejam embalados e distribuídos em território nacional.

Ao iniciar o diálogo, imediatamente Dona Toinha ressaltou que não nos revelaria suas rezas e os segredos da manipulação dos medicamentos, pois eram dons familiares dados por Deus e passados de geração para geração, onde apenas uma pessoa de cada geração da família teria o prazer de conhecer e guardar esses ensinamentos.

Respeitando as orientações da entrevistada, perguntei a ela sobre o processo de elaboração dos medicamentos e a execução das rezas:

Minha querida, o medicamento e a reza variavam de acordo com a necessidade de cada pessoa. Quando é questão de doença, eu sempre peço pra pessoa trazer um exame, para que eu possa investigar os males e saber as ervas que combaterão eles, as plantas usadas a maioria são do meu quintal. Eu faço os remédios sozinha, é um momento que clamo a meu Deus e ele falará comigo pelas revelações, por isso tudo é muito particular. As rezas nem sempre acompanhavam o medicamento, ela só acontecia se o paciente solicitasse que eu o benzesse antes de iniciar a medicação. (Dona Toinha, 2020).

Embora as práticas de cura variem de acordo com a religiosidade de cada grupo social, é inegável a importância das benzedeiras para atender aqueles que nem sempre possuem acesso a atendimento médico, assim como também há males que a medicina não consegue curar e assim as pessoas recorrem à cura pela fé.

Segundo o historiador piauiense Itamar da Silva Lima (2020), nesse universo dominado pelas crenças e misticismos, os processos de cura passavam por rituais mágicos, os quais geralmente aliavam o uso de elementos naturais (ervas e plantas medicinais), com crenças religiosas, por meio de preces e orações. Isto ocorre nos rituais de benzeduras até hoje.

A pesquisa do professor Itamar Lima está situada nos trilhos da História Oral. Sua análise está envolta anos 1994 a 2014 e é voltada para a cidade Monsenhor Hipólito – PI. Esta cidade está localizada a menos de 16 km da cidade Campo Grande do Piauí, no qual é o foco desta pesquisa. Em virtude disto, as semelhanças culturais entre ambas são notáveis. Em decorrência dessa proximidade territorial e semelhanças culturais, o livro de Itamar Lima enriquece o presente trabalho.

A dinâmica da reza e a recomendação de medicamentos naturais a partir dessas rezadeiras se caracterizam como “religiosidade sincrética, oriunda da mistura de crenças dos povos africanos, portugueses (colonizadores) e indígenas” (LIMA, 2020, p. 32). A entrevistada Terezinha Bezerra (2020) menciona sobre a relação das práticas de cura com o termo *macumba* e a sua demonização, termo que é carregado de estereótipos negativos e preconceitos.

A professora e historiadora Sabrina Verônica Gonçalves Lima (2017) na sua dissertação de mestrado “As faces da umbanda no Piauí: política, festa e criminalidade (1960-1978)” traz uma discussão onde apresenta a perseguição às religiões de matrizes africanas, o uso de termos desdenhativos, além da luta diária para a legalização dos terreiros de Umbanda no Piauí. Quando se fala em Terreiro, Umbanda ou Candomblé grande parte da sociedade logo generaliza tudo associando a palavra *macumba*, que se trata apenas de uma espécie de árvore africana e de um instrumento musical, utilizado em cerimônias de religiões afro-brasileiras.

Bem antes de se popularizar em todas as camadas sociais e se definir como religião, a Umbanda já era praticada no Brasil. “Não obstante, devemos pontuar que antes de a Umbanda surgir como religião, seus elementos já coexistiam nos morros e subúrbios cariocas, sob as mais diversas denominações, mas generalizadas sob a forma de Macumbas ou sob a alcunha de “baixo espiritismo” (LIMA, 2017, p. 40). Sabrina Verônica Lima (2017) ressalta que os termos pejorativos também eram direcionados aos praticantes da Umbanda, eles eram conhecidos por macumbeiros, feiticeiros, curandeiros supersticiosos, entre outros.

Lima (2017) reforça que por haver surgido na parte social menos favorecida economicamente, grande foi a luta pela legalização dos cultos e a criação dos terreiros. Isso só foi assegurado juridicamente após a criação das Federações em caráter nacional e estadual. “Sem dúvida, as festas organizadas pela Federação contribuíram para apresentar a Umbanda à sociedade piauiense e para o aumento crescente da publicidade que a religião alçaria no Piauí nos anos seguintes” (LIMA, 2017, p.114).

Após conversar um pouco sobre intolerância religiosa, indaguei à Dona Toinha, se ela sofria algum tipo de preconceito relacionado aos seus dons e rituais:

Você não imagina as coisas horríveis que eu e minha família já escutamos. Muita gente de coração ruim me chamava de feiticeira, macumbeira e tudo que você pensar. Uma vez me chamaram para rezar por uma roça que estava pegando fogo e na hora que eu cheguei lá e estendi a mão o fogo apagou de repente. Nesse dia houve um alvoroço medonho na cidade, muita gente acreditou que eu tinha um dom sobrenatural e outros começaram que chamar de bruxa. Eu passei por momentos depressivos por causa das coisas que falam comigo, mas com o tempo aprendi a lidar com as críticas. Muitos daqueles que me chamavam de bruxa já vieram me pedir ajuda para curar seus males. (Dona Toinha, 2020).

Apesar de haver uma mistura cultural, quando se trata de costumes enraizados nas religiões africanas, grande parte da sociedade julga e generaliza de forma errônea. Desde a colonização, foi instalado e difundido um ódio às religiões africanas, isso se perpetuou e até a atualidade rende perseguição e intolerância aos praticantes de religiões como o Candomblé.

Da mesma forma que os nativos indígenas que aqui habitavam já possuíam domínio sobre o uso da natureza ao seu favor, os africanos que foram trazidos como mão de obra escrava trouxeram também grande conhecimento sobre o manuseio de ervas para serem usadas como medicamentos. É preciso valorizar e reconhecer as origens de nossas culturas!

Embora todas as tentativas de cura, infelizmente uma hora a morte chegava e havia mais rituais, cada morte tinha suas particularidades dentro dos rituais. Antes do falecimento já era comum o morto ter sua batina pronta de acordo com seus gostos e crenças. Não podemos deixar de destacar que cada modelo e cor de mortalha tem seu significado cultural e religioso, “Vestir o cadáver com a roupa certa podia significar, se não um gesto suficiente, pelo menos necessário à salvação.” (REIS, 1991, p.124).

Segundo a entrevistada Terezinha Leobina Bezerra (2020) as cores claras eram as mais aceitas, como branco e azul, pois remetiam a ideia de céu e paz. Inclusive, ela conta que sua mãe falecida em 2006 usou uma mortalha de cor azul celeste feita por ela mesma anos antes de sua morte.

A escolha da mortalha, assim como a significação dada as cores se fazem presente no Piauí desde o século XIX, ou seja, essas ações de preparação para a morte envolta na fé e no imaginário popular foram difundidas desde a formação do estado. “Dentre as várias mortalhas mais utilizadas durante o século XIX destacavam-se as de santos, pois se estivessem com as vestimentas de seus santos de proteção e de devoção seria uma garantia a mais na hora do julgamento final; outros escolhiam pela cor”. (OLIVEIRA, 2014, p. 85).

A senhora Joaquina Leobina Bezerra (2020) relata que a família era responsável por higienizar o corpo e vesti-lo, nesse momento percebemos a presença de alguns rituais relacionados a crenças populares.

Na hora de banhar o morto, tinha que ser com água morna, pois ela deixava cadáver mais relaxado e mole. Aí ficava mais fácil para vestir a mortalha, porque morto fica duro demais, e se não jogar água morna não consegue vestir. Mamãe contava também que se uma pessoa fosse assassinada a gente tinha que colocar uma moeda debaixo de sua língua, assim manteria o assassino por perto para que a justiça fosse feita, era bom também colocar uma laranja embaixo do cadáver para ele não sangrar (risos). (Joaquina Bezerra, 2020).

Nos relatos de dona Joaquina Bezerra, identificamos costumes e crenças locais que dialogam com a medicina legal e proporcionam o sentimento de esperança por justiça, isto é, colocar a moeda na língua do assassinado é uma forma de apelar espiritualmente para realização de anseios terrenos. Os hábitos mencionados acima são mais comuns quando a morte, a preparação do corpo e o velório acontecem em casa.

Na medicina legal, a rigidez cadavérica mencionada por Joaquina Bezerra é de fato verídica e acontece brevemente após a morte. Segundo Dolinak, citado nos estudos de Talita Zerbini (2013, p.12,) “A rigidez cadavérica é decorrente do endurecimento dos músculos em decorrência de alterações químicas que ocorrem no mioplasma, que começam a acontecer logo após a morte, mas que somente são notadas após algumas horas.”

Quando a preparação do corpo após a morte é feita pelo hospital e uma agência funerária, há todo um processo de higienização específico antes de ser entregue à família. No artigo “*Quais os cuidados de enfermagem durante o óbito e pós-óbito?*” a enfermeira Paula Damaris Chagas Barrioso (2020) lista algumas ações que são de responsabilidade do hospital antes de transferir o corpo para a funerária: Seguir o protocolo institucional para o tamponamento, oclusão de orifícios e drenagem de fluídos; Retirar dispositivos e cateteres; Realizar curativos se necessários; Manter a aparência mais próxima do natural antes do enrijecimento cadavérico (rigor mortis), decúbito dorsal, mãos juntas acima da região epigástrica e pés juntos; Identificar o corpo de acordo com padrão da instituição; Cobrir com a proteção padrão da instituição (por exemplo, o lençol) para o trânsito até lugar destinado.

Quando o corpo é repassado à funerária, há mais alguns procedimentos de higienização e reparação antes de ser entregue a família. Os mais conhecidos são: o embalsamento, a formolização e a tanatopraxia. Estes procedimentos variam de acordo com a necessidade do corpo e a vontade da família.

Segundo o artigo “Quais os cuidados técnicos na preparação do corpo pós-morte?” (QUAIS OS CUIDADOS..., 2021) publicado no site *Cemitério sem Mistério* do Cemitério e Crematório Parque Renascer é necessário um banho de desinfecção e após isso uma massagem em diversas partes do corpo para amolecer a musculatura. Após esse banho são injetados líquidos com substâncias químicas no corpo para evitar o mau odor e o vazamento de secreções. Além da maquiagem cadavérica para deixar o morto com uma aparência mais harmoniosa.

Com base na leitura do livro *A morte é uma Festa*, de João José Reis (1991) e no relato oral de nossos entrevistados, percebemos que os costumes fúnebres iam da forma de tratar o morto até as ações da família. As pessoas vestiam preto por um período, colocava cruz de panos pretos nas portas para sinalizar que estavam de luto além das velas. Acendiam velas durante no mínimo sete dias, no local onde o morto faleceu em respeito à sua memória e para rogar por sua alma.

Manter a casa arejada com janelas e portas abertas segundo as crenças contribuía para que a alma e os espíritos saíssem por completo do ambiente, assim como cobrir os espelhos e qualquer coisa que refletisse. Acreditava-se que se não cobrissem espelhos a alma poderia ficar presa eternamente dentro dele, assim não descansava e atormentava a família constantemente. Havia também o terço diariamente durante uma semana e a visita mensal à cova do falecido.

A partir dos relatos de nossos entrevistados, é visível que a maioria das famílias não tinha muita condição financeira e o velório que para muitos era um evento luxuoso cheio de buquês e assistência funerária, para algumas famílias nem caixões havia. Embora a simplicidade era uma das coisas marcantes nesses velórios assim como o aconchego familiar.



**Imagem 08:** Jacob Eugênio de Sá sendo velado na sua própria cama na cidade de Campo Grande do Piauí – PI em 12/02/1997.

**Fonte:** SÁ, 1997.

**Imagem 09:** Jacob Eugênio de Sá sendo enterrado no quintal de sua casa na cidade de Campo Grande do Piauí – PI em 12/02/1997.

**Fonte:** SÁ, 1997.

As fotografias acima são registros carregados de significações culturais. Velar o falecido em sua própria cama nos demonstra seus últimos momentos no aconchego familiar, é uma forma de valorizá-lo e de certa forma se despedir do seu lar. É importante destacar que mesmo sendo velados na cama, alguns utilizavam caixões para enterrar, isso varia de acordo com as particularidades e condições financeiras de cada família. O senhor Jacob, embora velado em seus aposentos, foi enterrado dentro de um esquife.

Ao analisar as imagens alguns detalhes se sobressaem, como o fato de posar para a foto com o defunto no centro. De acordo com informação cedida pela proprietária das fotografias Lídia Raimunda de Sá, a senhora vestida de preto era cunhada do falecido e as outras duas são filhas. A posição e os gestos das mulheres sugerem a ideia de cuidado e proteção, enquanto uma das filhas posiciona o travesseiro de forma mais confortável, a cunhada faz um carinho como se estivesse arrumando o cabelo do morto.

Em ambas as fotografias, aparentemente o fotógrafo tenta se posicionar de forma centralizada para que possa captar todos os envolvidos com suas expressões faciais e gestos. Na segunda foto, o foco é apenas o cadáver dentro do seu caixão, ali talvez fosse a última imagem do seu Jacob, por isso é perceptível que o fotógrafo se esforça ao máximo para obter uma imagem de cima que contemple todo o cenário da cova.

Outro detalhe são as cores da mortalha e da cunhada do falecido. A mortalha branca assim como azul, são cores populares para fazer mortalhas. Ambas as cores estão associadas ao céu e a santidade “o branco simbolizava pureza ritual e paz” (REIS, 1991, p.118). A escuridão do preto nas vestimentas da cunhada anuncia de longe o luto que a pessoa está sentindo. Por mais que os costumes sofram transformações ao longo do tempo, vestir o preto por alguns dias em sinal de respeito e demonstração de dor ainda é feito por algumas pessoas, principalmente as de mais idade.

Este hábito de fotografar mortos vem desde o período vitoriano da Inglaterra, entre os anos 1837 e 1901. Conhecido como fotografias *post-mortem*, este hábito era um método das famílias eternizarem a memória dos que partiam. Tendo em vista a grande quantidade de crianças que morriam no século XIX, as fotografias se tornam meio de consolo para aqueles pais.

Conforme o artigo “Em imagens: quando cadáveres posavam para as câmeras” publicado no site Aventuras na História e escrito por Fábio Previdelli (2019), parte das imagens eram feitas para dar impressão de que o morto ainda possuía vida. Para isso, eram necessárias algumas técnicas como equilibrar o corpo em suportes, pintar as pálpebras e vestir uma roupa elegante. O processo era tão meticuloso, que alguns defuntos saiam até com semblante sorridente nos registros.



**Imagem 10:** Mulher morta posando para a câmera - Domínio Público.

**Fonte:** PREVIDELLI, 2019.

Nesta fotografia (imagem 10), o realismo e o semblante vivido impressionam. A maneira como o corpo está posicionado, a roupa, o penteado e expressão facial nos remetem a imaginar a figura dessa mulher como um ser doce, meigo e até angelical. Com essa riqueza de detalhes, chegamos a pensar que o fotógrafo articulava para que a foto reproduzisse a memória sentimental que a família queria guardar. As ações diante da morte são de uma enorme diversidade, tal como o hábito cultural das vestimentas, fotografias até chegar ao momento do enterro.

Nessa diversidade, os esquifes também variavam no meio social. Em Campo Grande do Piauí na época analisada, não havia empresas funerárias. Os mais afortunados encomendavam seus caixões na Cidade de Picos e os pobres que não queriam que seus mortos fossem enterrados em redes encomendavam caixões de madeira ao senhor Emanuel Antônio Bezerra, mais conhecido por Manoel Tonho:

Eu não tinha como fonte de renda os caixões, fazia mais por compaixão aos meus vizinhos (suspiro profundo). Eu era carpinteiro e quando morria alguém próximo ou algum anjinho eu já me oferecia para fazer o caixão. A

madeira melhor para esse tipo de coisa é a umburana, porque ela é mais forte que as outras, não se acaba nunca. Quando eu morava no Olho d'aguinha, juntava era o monte delas pra quando morresse alguém já ter o material, geralmente eu levava só umas cinco horas para fazer um caixão. Quase todos os caixões que eu fazia era pra anjinhos, eu sentia que era uma missão de Deus pra minha vida, fazer uma coisa mais confortável para os pequeninhos. (Manoel Tonho, 2020).

Quando usado o termo *anjinho*, o entrevistado está se referindo a crianças mortas (ANJINHO, 2021). É comum o uso dessa terminologia no Nordeste para falar do cadáver de uma criança. “A criança, sobretudo o recém-nascido, ainda não era considerada parte da sociedade civil, por isso transformava-se logo em anjo ao morrer, desde que fosse batizada” (REIS, 1991, p.123).



**Imagem 11:** Criança por nome Camilo Neto da Silva Araújo sendo velado em Campo Grande do Piauí – PI, 19/10/1999.

**Fonte:** ARAÚJO, 1999.

A figura acima (imagem 11) é o retrato do velório de um “anjinho” na década de 1990. Ao observar os detalhes da foto, percebemos a simplicidade do velório e tristeza estampada nos rostos das pessoas presentes. A mulher vestida de azul sentada na cadeira é a mãe, mesmo com o semblante abatido e os pés descalços na areia ela olha para a câmera, nesse momento fica claro que a foto captura não apenas um momento, ela captura também emoções.

Mesmo que a morte seja considerada um acontecimento triste, as pessoas sentem a necessidade de registrá-las em fotografias, é uma forma de preservar a memória e evidenciar o

apreço pelo falecido. Aquela foto carregará uma lembrança afetiva, além de proporcionar um sentimento saudoso de pertencimento familiar.

Como exemplificado na imagem, o mais comum era que a família se reunisse ao redor do morto para que a câmera gravasse os familiares presentes neste dia. Este hábito se fez muito presente nas décadas de 1980 e 1990 em Campo Grande do Piauí. Em várias casas que você chegar e pedir para ver um álbum de fotografias, provavelmente se deparará com fotos de velórios ou enterros.

A cor da roupa da criança que está sendo velada também chama atenção. Um branco brilhante que remete a algo celestial e puro. A escolha da cor da mortalha tem a ver com a crença da família também: “[...]A esse significado deve-se acrescentar aquele que a liturgia cristã atribuía ao branco, a cor da alegria e, antes de tudo, da inocência e da pureza virginal.” (VAILATI, 2002, p. 373).

O semblante da criança também se destaca na fotografia, aparentemente o “anjinho” não está morto, parece que apenas descansa em um profundo sono. Deixar a criança com um aspecto “rosado”, fazer um bom penteado e vestir uma boa roupa são costumes presentes no Brasil que foram observados pelos viajantes desde o período oitocentista:

Além do hábito, esses estrangeiros fizeram referência a outros cuidados na preparação do “anjinho” para o enterro, em especial a alguns aspectos característicos dos rituais fúnebres infantis que já são observáveis nesse primeiro momento. Um deles é o de arrumar o cadáver de forma a lhe restituir o aspecto que tinha quando vivo, por intermédio da maquiagem. O francês Gendrin lembra do amplo uso desse material em cadáveres que, dentre outras coisas, eram apresentados com lábios e faces avermelhadas e cabelos empoados. (VAILATI, 2002, p. 374).

A todo o momento, fica evidente como a solidariedade se fazia presente na vida do senhor Manoel Tonho (2020). Durante nossa conversa, ele sempre fazia questão de mencionar que nunca cobrou nenhum centavo para fazer os caixões. Sempre fazia tudo com muito amor e com as doações de outras pessoas.

O entrevistado chegou a mencionar que muitas vezes custeava até os lençóis em que o morto seria envolvido. Apesar da idade já avançada, ele consegue lembrar com clareza todos esses momentos e estava muito satisfeito em ter alguém que se interesse em falar sobre sua história. O entrevistado não conteve o choro pra falar sobre a dor que sentiu ao fazer caixões para dois de seus filhos:

Minha filha, você nasceu em uma época privilegiada. Até uns trinta anos atrás os casais tinham uns dez filhos pra poder sobreviver cinco. As crianças morriam por doenças tão simples, tudo isso por falta de vacinas. Eu mesmo fiz os caixões e enterrei dois, foi a maior dor da minha vida (choro e voz embargada). Quando minha menininha morreu aos quatro anos, eu comprei

um pano azul e a mãe dela fez uma batinha de anjo. Ai dois anos depois quando o irmão dela faleceu também com três aninhos eu mesmo fiz à batinha dele de tecido branco e coleí um monte de flores na roupinha dele. A gente rezou as incelências nos dois velórios pra alma deles descansar. (Manoel Tonho, 2020).

Ao comentar sobre as mortalhas de seus filhos, Manoel Tonho reforça a fala da entrevistada Terezinha Bezerra quando ela ressalta que as cores azuis e brancas para mortalhas infantis remetem à pureza e ao céu. Acerca das incelências comentadas por ele, é um tipo de reza católica cantada em uma melodia repetitiva presente nos velórios dos sertanejos brasileiros. Sobre o termo, podemos dizer que são “orações cantadas em forma de lamentos em uma melodia unívoca e repetidamente em número de nove a doze. Lamentos que marcam o momento da morte e têm a função de celebrar, encomendar a alma e velar o morto” (MORAIS, 2011, p. 1).

Quando falou sobre as incelências, indaguei ao entrevistado Manoel Tonho se ele se lembrava de alguma que foi cantada nos velórios de seus filhos. Ele prontamente respondeu com muita empolgação que jamais iria esquecer e começou cantar o seguinte:

Oh, mamãe, a bênção  
Me queira botar  
Um anjinho me chama  
Não queira esperar  
Um anjinho me chama  
Não queira esperar. (Manoel Tonho, 2020).

Extremamente emocionado, o senhor Manoel Tonho relatou que esse cântico marcou o velório de seu segundo filho, pois sabia que ele não estava sozinho:

Todo velório de anjinho nós cantávamos essa incelência, porque ela parecia uma mensagem do céu pra gente entender que Deus queria nossos filhos lá com ele. Morriam muitas crianças, parece que a alma de um chamava a alma de outro. Quando um pai perdia um filho o outro pai chorava a dor dele também, pois sabia que seu filho poderia ser o próximo. Quando meu menino morreu eu cantava isso aí todo dia pra me consolar, eu sabia que ele tinha ido pra o céu morar com a irmã dele, porque ela já estava cansada de brincar sozinha. (Manoel Tonho, 2020).

O cântico acima possui um peso emocional muito grande nos velórios de “anjinhos” no município campo-grandense. Pois assim como seu Manoel Tonho, muitos pais perderam seus filhos nas décadas de 1980 e 1990. A mortalidade infantil é um grave problema social que atinge o mundo, principalmente os países menos desenvolvidos. No Brasil, um artigo da jornalista Ana Paula Graboís (2003), publicado no Jornal Folha Online publicado em 26 de dezembro de 2003 trouxe levantamentos sobre a mortalidade infantil do país nos anos 1990:

Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 1990 a taxa de mortalidade infantil no país foi de 45,7%. Dez anos depois, os números caíram para 29,7%. A taxa é considerada média dentro dos parâmetros da OMS (Organização Mundial de Saúde). Conforme o órgão, as taxas são classificadas em alta (50%), média (20% a 49%) e baixa (menos de 20%). (GRABOIS, 2003).

Essas mortes tinham causas variadas, mas as principais delas eram a prematuridade e doenças diarreicas. Essas doenças diarreicas eram causadas em sua maioria por vírus, bactérias e protozoários que são adquiridos a partir da falta de saneamento básico e o consumo de água e alimentos sem a preparação e higienização necessária.

O artigo *Principais causas da mortalidade na infância no Brasil, em 1990 e 2015: estimativas do estudo de Carga Global de Doença* publicado na Revista Brasileira de Epidemiologia do Brasil (FRANÇA EB, et. all, 2017) disponibilizou um quadro onde podemos verificar a porcentagem por mil das doenças que traziam a óbito as crianças de até cinco anos na década de 1990.

#### **Ordenação segundo taxas das principais causas de mortalidade em menores de 5 anos por 1.000 nascidos vivos (NV). Brasil, 1990.**

1990			
Posição - Causa do óbito	n	Taxa por 1.000 NV	
1	Prematuridade	41.385	11,35
2	Doenças diarreicas	40.370	11,07
3	Infecções do trato respiratório inferior	29.779	8,17
4	Asfixia e trauma no nascimento	13.784	3,78
5	Anomalias congênitas	12.061	3,31
6	Septicemia e outras infecções neonatais	9.421	2,58
7	Desnutrição	8.565	2,35
8	Meningite	5.348	1,47
9	Outras desordens neonatais	3.916	1,07
10	Acidentes de trânsito	2.379	0,65
11	Sífilis	1.930	0,53
12	Coqueluche	1.793	0,49
13	Aspiração de corpo estranho	1.478	0,41
14	Afogamento	1.283	0,35
15	Doenças hemolíticas e outras icterícias neonatais	1.026	0,28
16	Queimaduras	992	0,27
17	Sarampo	950	0,26
18	Doenças cerebrovasculares	933	0,26
19	Cardiomiopatia e miocardite	889	0,24
20	Outras doenças cardiovasculares e circulatórias	835	0,23
21	Homicídio	803	0,22
25	Leucemia	473	0,13
26	Outras neoplasias	469	0,13
34	Desordens endócrinas, metabólicas, sanguíneas e imunes	406	0,11
36	HIV/Aids	345	0,09
43	Síndrome da morte súbita infantil	204	0,06

Fonte: Rev Bras Epidemiol MAIO 2017; 20 SUPPL 1: 46-60.

Segundo dados do IBGE, no início da década de 1990, o índice de mortalidade infantil no Brasil era de 45,7%. No entanto, essa porcentagem quando decomposta varia de acordo com a região. O Nordeste lidera o número de óbitos infantis, e isso se deve a toda uma gama de organizações sociopolíticas.

**Tabela 10 - Taxa de mortalidade infantil estimada para a Região Nordeste  
Brasil - 1985-2000**

Ano	Taxa de mortalidade infantil estimada (‰)								
	Maranhão	Piauí	Ceará	Rio Grande do Norte	Paraíba	Pernambuco	Alagoas	Sergipe	Bahia
1985	96,27	80,87	93,44	103,58	111,97	103,54	116,88	92,03	83,86
1986	91,11	76,52	87,74	95,97	104,88	97,41	112,77	86,34	78,77
1987	86,16	72,45	82,50	89,06	97,89	91,73	108,60	81,16	74,03
1988	81,55	68,74	77,77	83,00	91,35	86,56	104,41	76,50	69,74
1989	77,41	65,43	73,57	77,85	85,52	81,97	100,28	72,37	65,95
1990	73,79	62,55	69,93	73,57	80,53	77,94	96,25	68,73	62,67
1991	70,69	60,07	66,79	70,10	76,42	74,48	92,37	65,56	59,89
1992	68,10	57,99	64,14	67,33	73,14	71,53	88,69	62,82	57,56
1993	65,98	56,25	61,91	65,15	70,58	69,05	85,25	60,47	55,65
1994	64,26	54,82	60,06	63,45	68,62	66,99	82,05	58,46	54,08
1995	62,89	53,65	58,54	62,14	67,14	65,29	79,12	56,76	52,82
1996	61,80	52,70	57,28	61,14	66,03	63,89	76,47	55,32	51,81
1997	60,94	51,94	56,26	60,37	65,21	62,75	74,07	54,10	51,00
1998	60,27	51,33	55,43	59,79	64,61	61,82	71,94	53,08	50,36
1999	59,75	50,85	54,76	59,35	64,17	61,07	70,05	52,23	49,85
2000	59,35	50,46	54,21	59,02	63,85	60,46	68,38	51,51	49,45

**Fonte:** Censo demográfico 1980-1991. Rio de Janeiro: IBGE, 1983-1997; Pesquisa nacional por amostra de domicílios 1992-1993,1995. Rio de Janeiro: IBGE, v.15-17, 1997.

Mesmo que no final da década de 1990 o Brasil se enquadrasse dentro dos parâmetros da OMS, o Nordeste continuava acima da média considerada normal. Enquanto a OMS caracteriza o padrão de 20% a 49%, segundo o quadro acima, os estados nordestinos quase todos estão com índices acima de 50%, em relação ao número de mortes infantis.

Historicamente, a região Nordeste sofre com a desigualdade de renda em relação às outras regiões do país, “parcela significativa da pobreza no Brasil está concentrada no Nordeste, o que aliado à ausência de outros serviços básicos, é um obstáculo importante às reduções mais efetivas nos níveis de mortalidade na região” (IBGE, 1999, p. 33).

Em suma, como em toda sociedade, nos velórios a diversidade religiosa também se faz presente de forma marcante. Dependendo do país, a religião dita os aspectos culturais, políticos e regras de um local. Neste capítulo, foram desenvolvidas reflexões sobre os rituais fúnebres em Campo Grande do Piauí enfatizando a fé católica, as relações de solidariedade e sabedoria do seu povo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Almejamos com esta pesquisa inserir este trabalho no campo historiográfico, além de possibilitar ao leitor uma melhor compreensão das práticas fúnebres em Campo Grande do Piauí. A investigação evidenciou a partir da análise das fontes, a cidade de Campo Grande do Piauí, na década de 1990, como uma cidade rica em cultura e sociabilidade. A partir dos relatos orais e fotografias podemos perceber de forma detalhada a cultura fúnebre e o imaginário popular que envolve os rituais.

A oralidade e a memória foram essenciais para formar este trabalho. Trabalhar com história oral é produzir documentos com fontes vivas, e essas fontes possuem sentimentos, particularidades, crenças e pensamentos individuais em relação às vivências sociais. “A primeira coisa que torna a história oral diferente, portanto, é aquela que conta menos sobre eventos que significados” (PORTELLI, 1997, p. 31).

A memória complementa a história oral, ela é a base para novas interpretações frente à história. Em vista disso, Ecléia Bosi (2003) salienta a importância de respeitar os caminhos que os recordadores vão abrindo nas suas narrações, pois eles possuem um mapa afetivo de acordo com sua experiência individual e em grupo. Desta maneira, achamos relevante inserir essa discussão logo na introdução.

A princípio, o debate partiu de uma revisão bibliográfica onde fizemos uma reflexão sobre as abordagens dos trabalhos historiográficos em relação à História da morte. Também foi apresentada a cidade na sua forma estrutural e as burocracias em relação aos enterros e construção de sepulcrários. Por fim, no último capítulo nos aprofundamos a explicar sobre os rituais fúnebres na cidade de Campo Grande do Piauí e toda sua dinâmica que abrange ações antes e depois do óbito. Ademais, também fizemos uma breve análise sobre a mortalidade infantil no Nordeste.

Apesar desta pesquisa ainda requerer mais fontes para ampliar a escrita, salientamos que a crise de saúde mundial e as novas formas de ensino dificultaram esse processo. Além dos desafios comuns, agora os pesquisadores estão enfrentando dificuldades demasiadas. Considerando todo o crescimento acadêmico e pessoal no desenvolvimento deste trabalho, afirmamos que ele foi de tamanha importância para entender as diversidades culturais e ampliar a visão da escritora desta monografia como aluna, pesquisadora e professora.

Por fim, concluímos enfatizando a importância da memória assim como o uso da História oral para manter viva a história e tradições culturais daqueles que muitas vezes são

esquecidos por não serem considerados grandes heróis e não se enquadrarem na narrativa dos grandes acontecimentos.

## REFERÊNCIAS

ANJINHO. In: **DICIO**, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/anjinho/>>. Acesso em: 14/01/2021.

ARAÚJO, Reneuda Isabel de. [Criança por nome Camilo Neto da Silva Araújo sendo velado em Campo Grande do Piauí-PI, 19/10/1999]. Arquivo pessoal de Reneuda Isabel de Araújo. 1 fotografia, color.

ARES, Philippe - **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

ARES, Philippe - **O Homem diante da morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990. 2v.

ARTE Funerária Brasil Disponível em: <<http://www.artefunerariabrasil.com.br/livrosArtigos.php>>. Acesso em: 03 junho, 2021.

BARRIOSO, Paula Damaris Chagas. Quais os cuidados de enfermagem durante o óbito e pós-óbito? [02.04.2020] In: **Portal PEBMED**. Disponível em: <<https://pebmed.com.br/quais-os-cuidados-de-enfermagem-durante-o-obito-e-pos-obito/>>. Acesso em: 14 jan. 2021.

BARROS, José D'Assunção. **História, imaginário e mentalidades: delineamentos possíveis**. Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v. 6, n. 11, jan./jun. 2007.

BEZERRA, Joaquina Leobina. **Entrevista concedida a Aline Alves de Brito**. Campo Grande do Piauí-PI, 10 jan. 2021. 38 min.

BEZERRA, Terezinha Leobina. **Entrevista concedida a Aline Alves de Brito**. Campo Grande do Piauí-PI, 10 jan. 2021. 38 min.

BORGES, Maria Elizia. **Entrecruzamentos: História Institucional da ABEC e dos saberes da arte funerária no Brasil**. Revista de Teoria da História, Volume 19, Número 1, Junho/2018.

BOSI, E. (2012). **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. (17ª ed.). São Paulo (SP): T. A. Queiroz.

BRASIL. RESOLUÇÃO CONAMA nº 335, de 3 de abril de 2003 Publicada no DOU no 101, de 28 de maio de 2003, Seção 1, páginas 98-99. Dispõe sobre o licenciamento ambiental de cemitérios. In: CONAMA – Conselho Nacional do Meio Ambiente. Ministério do Meio Ambiente. Disponível em: <<http://www2.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=359>>. Acesso em: 14 jan. 2021.

BRITO N. P. da S. **O experienciar da morte: comportamentos frente à finitude em Teresina, de 1900 a 1930**. 2012, 231f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012.

BRITO, Aline Alves de. [Capela da família Fernandes, 2020]. Arquivo pessoal de Aline Alves de Brito. 1 fotografia, color.

BRITO, Aline Alves de. [Cova sem identificação, Cemitério Municipal, 2020]. Arquivo pessoal de Aline Alves de Brito. 1 fotografia, color.

BRITO, Aline Alves de. [Túmulo de Josué de Sousa, 2020]. Arquivo pessoal de Aline Alves de Brito. 1 fotografia, color.

CAMPO GRANDE DO PIAUÍ. Cemitérios. [Cemitérios de Campo Grande do Piauí, em 2021]. In: **Google Maps**. Disponível em: <<https://www.google.com/maps/search/Campo+Grande+do+Piau%C3%AD+cemit%C3%A9rios/@-7.1367452,-41.04197,2959m/data=!3m1!1e3>>. Acesso em: 23 jan. 2021. 1 fotografia, color.

CÓDIGO DE POSTURAS do município de Campo Grande do Piauí, instituído pela Lei 013/11, de 07 de maio de 1997. Campo Grande do Piauí-PI, 1997.

DI LEONARDO, Micaela. (1987), “Oral History as Ethnographic Encounter”. **The Oral History Review**, v. 15, p. 1-20.

DIAGNÓSTICO SOCIOECONÔMICO. Campo Grande do Piauí [2011]. In: Fundação CEPRO. Disponível em: <[http://www.cepro.pi.gov.br/download/201102/CEPRO16\\_bb862e59cc.pdf](http://www.cepro.pi.gov.br/download/201102/CEPRO16_bb862e59cc.pdf)>. Acesso em: 23 jan. 2021.

DONA TOINHA [Antônia Vieira dos Santos Sousa]. **Entrevista concedida a Aline Alves de Brito**. Campo Grande do Piauí-PI, 10 jan. 2021. 38 min.

FOUCAULT, Michel. O nascimento da medicina social. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRANÇA EB, Lansky S. Rego; MAS, Malta; DC, França JS, Teixeira R, Porto D, Almeida MF, Souza MFM, Szwarcwald CL, Mooney M, Naghavi M, Vasconcelos AMN. Principais causas da mortalidade na infância no Brasil, em 1990 e 2015: estimativas do estudo de Carga Global de Doença. **Rev. Bras. Epidemiologia**. 2017; 20 (suppl 1): 46-60.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP; Imprensa Oficial do Estado, 2002.

GRABOIS, Ana Paula. Mortalidade infantil diminui nos anos 90, mas país mantém contrastes regionais. [26/12/2003] In: **Folha Online**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein/noticias/gd261203e.htm> Acesso em: 14 jan. 2021.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística | v4.4.18. **História de Campo Grande do Piauí**. 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/campo-grande-do-piaui/historico>

IBGE. Departamento de População e indicadores sociais. **Evolução e Perspectivas da Mortalidade Infantil no Brasil**. Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/evolucao\\_perspectivas\\_mortalidade/evolucao\\_mortalidade.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/evolucao_perspectivas_mortalidade/evolucao_mortalidade.pdf).

LE GOFF, J. **O nascimento do purgatório**. São Paulo: Estampa, 1995.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

LE GOFF, Jaques. **A bolsa e a vida: a usura na Idade Média**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

- LIMA, Itamar da Silva. **Benedeiras - fé e cura no sertão**: relações entre ciência, espiritualidade e saúde. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2020.
- LIMA, Josilene dos Santos. **“Pelas almas do purgatório”**: religiosidade e atitudes diante da morte no Piauí oitocentista. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Piauí, 2013.
- LIMA, Josilene dos Santos. **A Morte na Província**: as Práticas Mortuárias no Piauí Oitocentista. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.
- LIMA, Sabrina Verônica Gonçalves. **As faces da Umbanda no Piauí**: Política, festa e criminalidade (1960-1978). UFPI, Teresina, 2012.
- MANOEL TONHO [Emanoel Antônio Bezerra]. **Entrevista concedida a Aline Alves de Brito**. Campo Grande do Piauí-PI, 12 jan. 2021. 40 min.
- MANUALE **Orationum**. Brasil: IMPRIMATUR, 2018.
- MARANHÃO, J. L. de S. **O que é morte?** São Paulo: Brasiliense, 1992.
- MIRANDA, Priscila Keyla dos Reis de. **Sepultamentos e ritos fúnebres na Villa de Valença do Piauí** (1854-1883). UFPI, Picos, 2012.
- MORAIS, M. L. de. **Em cada conto um lamento**: incelências, benditos e rezas. Lisboa: FBAUL: CIEBA: Grupo de Pesquisa – CNPq Memória, Ensino e Patrimônio Cultural, 2013. 172p (Coleção VOX MUSEI arte e patrimônio; v. 1). Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2013.
- MORAIS, Marluce Lima de. **Lamentos que encantam**: as incelências e a religiosidade piauiense. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.
- MOURA, Mariluce. **Michel Vovelle**: investidas contra a fragmentação. Pesquisa FAPESP, edição 57. São Paulo, 2000. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/investidas-contr-a-fragmentacao-2/>. Acesso em: 20 jun. 2021.
- O QUE É HISTÓRIA ORAL. In: **FGV/CPDOC**. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>. Acesso em: 20 jan. 2021.
- OLIVEIRA, Elene & Elane da Costa. **Manuais de preparação para a morte**: Artes de bem morrer. Anais do III Seminário Internacional História e Historiografia - X Seminário de Pesquisa do Departamento de História – UFC. Fortaleza, outubro de 2012.
- OLIVEIRA, Elene da Costa. **A arte de bem morrer**: a cultura funerária na cidade de Teresina, Piauí [1852-1896]. UFPI, Teresina, 2014.
- PORTELLI, A. (1997) O que faz a história oral diferente. In: **Cultura e Representação**. São Paulo: Projeto História, no. 14. Educ.
- PREVIDELLI, Fábio. [Mulher morta posando para a câmera - Domínio Público]. In: Em imagens: Quando cadáveres posavam para as câmeras. [20/12/2019] In: **Aventuras na História**, UOL. 1 fotografia p&b. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/galeria/historia-o-que-eram-as-fotos-post-mortem.phtml/>. Acesso em: 21 jan. 2021.

PREVIDELLI, Fábio. Em imagens: Quando cadáveres posavam para as câmeras. [20/12/2019] In: **Aventuras na História**, UOL. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/galeria/historia-o-que-eram-as-fotos-post-mortem.phtml/>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

PURGATÓRIO. PFEIFFER, Charles F. et al. **Dicionário Bíblico Wycliffe**. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

QUAIS OS CUIDADOS técnicos na preparação do corpo pós-morte? In: **Cemitério Sem Mistério** [Bosque da Esperança e Parque Renascer] Disponível em: <<https://cemiteriosemmistério.com.br/preparacao-do-corpo-pos-morte/>>. Acesso em: 14 jan. 2021.

QUATORZE PINTURAS SOB O TEMA A MORTE NA ARTE. **Artes e contextos**, Lisboa, 12 de novembro de 2019. Disponível em: <<https://artesecontextos.pt/2019/11/14-pinturas-sob-o-tema-a-morte-na-arte/>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**, São Paulo, Cia. das Letras, 1991.

REZENDE, Eliana. História Oral: o que é? para que serve? como se faz? [17.08.2017] In: **Portal GESTÃO DE INFORMAÇÃO E MEMÓRIA INSTITUCIONAL**. Disponível em: <<https://eliana-rezende.com.br/historia-oral-o-que-e-para-que-serve-como-se-faz/>>. Acesso em: 16 jan. 2021.

RODRIGUES, C. **Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretária Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1997.

SÁ, Lídia Raimunda de Jesus. [Jacob Eugênio de Sá sendo enterrado no quintal de sua casa na cidade de Campo Grande do Piauí-PI em 12/02/1997]. Arquivo pessoal de Lídia Raimunda de Jesus Sá. 1 fotografia, color.

SÁ, Lídia Raimunda de Jesus. [Jacob Eugênio de Sá sendo velado na sua própria cama na cidade de Campo Grande do Piauí-PI em 12/02/1997]. Arquivo pessoal de Lídia Raimunda de Jesus Sá. 1 fotografia, color.

SCHMITT. J. C. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SCHWYZER, Ingrid. **Cremação e cemitério higiênico: o olhar dos formandos de medicina sobre os cadáveres (1882-1906)**. UFPR, Curitiba, 2001.

SIMON, Andreia Rejane Lorenz. Et al. Mau olhado ou quebranto: uma síndrome psiquiátrica relacionada à cultura. In: **Salão do conhecimento UNIJUÍ**, XXVII Seminário de Iniciação Científica. São Paulo, 2019.

SOUSA, Ivanaíla de Jesus. Geografia e Espacialização da Morte. In: **Anais do XVIII Encontro Nacional de Geógrafos** – São Luís, Maranhão, junho 2016.

SOUSA, Paulo Lúcio Batista de. **A cidade dos mortos: cemitério são Pedro de Alcântara, lugar de memórias e sensibilidades nos seus diferentes espaços entre 2010 a 2017**. UFPI, Picos, 2017.

TOSTES, Rogério Ribeiro. **O nascimento do purgatório como preparação do burguês: espaços citadinos, teologia social medieval.** Vernáculo, Fortaleza-CE, n. 17 e 16, p. 126 a 137, 2006.

VAILATI, Luiz Lima. Os funerais de "anjinho" na literatura de viagem. **Revista de História Brasileira**, São Paulo: ANPUH/Humanitas, v. 22, n. 44, p. 365-392, 2002.

VERAS, L., & MOREIRA, V. (2012). A morte na visão do sertanejo nordestino em tratamento oncológico. **Estudos de Psicologia** (Natal), 17(2), 291-298.

VOVELLE, M. **Imagens e imaginário na história.** São Paulo: Ática, 1997.

ZERBINI, Talita. **Estimativa do intervalo *postmortem* por análise de imagens tomográficas das hipóstases viscerais torácicas.** [Tese de doutorado]. São Paulo: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, FMUSP; 2013.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
 ( ) Dissertação  
 (  ) Monografia  
 ( ) Artigo

Eu, Aline Alves de Brito,  
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação Rituais Sinebrus: uma análise dos comportamentos perante a morte na cidade de Campo Grande do Piauí na década de 1990 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 20 de outubro de 2021.

Aline Alves de Brito  
 Assinatura

Assinatura